

# Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUÍDO) 100\$ - 100 PESETAS | ANO 134.º N.º 47 316 SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1998

**Função pública:**  
Coelho diz que emenda  
da oposição põe  
em causa Orçamento

PÁGINA 39

iniciativa

## Uma oferta especial hoje com o DN

A obra de **José Saramago** «Objecto quase»,  
ilustrada pelo artista mexicano Juan Sebastián Barberá

SUPLEMENTO JORNALIVROS

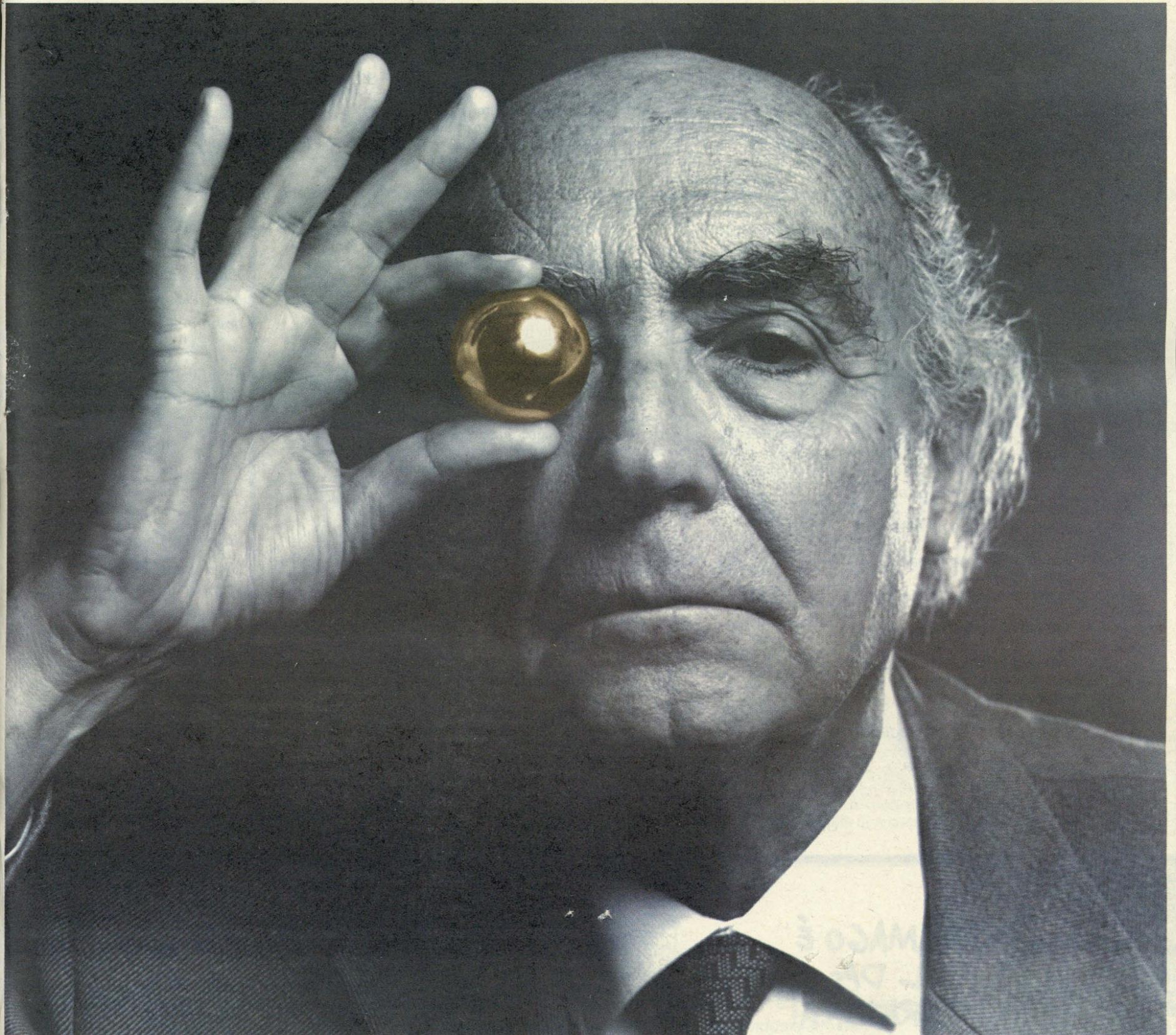


nacional

Franco não se demite,  
Guterres pede reunião  
a PGR e Cravinho  
«combate» a corrupção

PÁGINA 12

## JOSÉ SARAMAGO PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 1998



Marcelo Buainain

Páginas 2 a 11 e 64

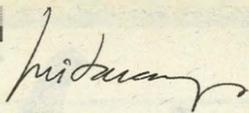
PUBLICIDADE



Esteja atento. O Código Postal  
ganhou 3 novos números.

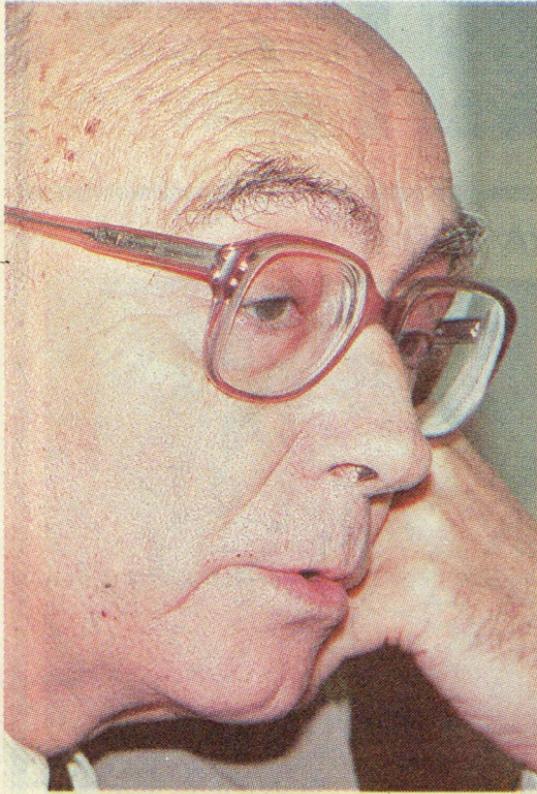
Linha Código Postal 0808 21 21 21 • www.ctt.pt





## AUTO-RETRATO JOSÉ SARAMAGO \*

# O olhar do espelho



«Encontro no hotel um homem com quem me tinha cruzado em Zafra. Oito anos depois [voltamos] a encontrar-nos, eu com Pilar ao lado, ele com as minhas personagens femininas todas na memória: «Diga-me onde estão Blimunda, Lídia, Marcenda, Madalena?» E eu respondia-lhe, com a impressão de estar a acreditar realmente no que dizia: «Andam por aí...»»

■ «Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objecto do chão.» Ontem como hoje, «pergunto-me se o que move o leitor à leitura não será a secreta esperança ou a simples possibilidade de vir a descobrir, dentro do livro, mais do que a história contada, a pessoa invisível, mas omnipresente, que é o autor». Há alguns anos, após uma palestra na Universidade de Valência, «um aluno, rapaz alto, forte, tipo de atleta (...), aproximou-se timidamente e conseguiu dizer: «Gostei daquela sua ideia de que os livros levam uma pessoa dentro, o autor.» Agradei-lhe ter-me compreendido.»

«Às vezes, entra-me a vontade de içar a bandeira branca, subir às ameias e dizer: «Rendo-me.» Não que eu me veja como uma fortaleza, bem pelo contrário, mas sei, como se ela fosse ou nela estivesse, que me andam cercando dois cercos: um, já se sabe, é o dos ódios, invejas e mesquinhices que vou aguentando; o outro, que se vai sabendo, é o dos afectos de muitos que me lêem, e esse é o que me derrota. Se este tempo da minha vida tivesse de levar um título, bem poderia ser o do filme de Almodóvar: «Que fiz eu para merecer isto?» Dir-me-ão os mais simpáticos: «Bom, alguma coisa fizeste.» Mas isso, uns quantos livros, valerá tanto que mereça a quadra que me foi dedicada por um pastor do Alentejo? Esta, lida [numa] Festa do Avante! e que reza assim: «Tem em conta a luz da mente/Cada um é como é/E não pode ser toda a gente/Aquilo que cada um é.»

«O destino, isso a que damos o nome de destino, como todas as coisas deste mundo, não conhece a linha recta (...). Hesita muitíssimo, tem dúvidas, leva tempo a decidir-se. Tanto assim que antes de

converter Rimbaud em traficante de armas e marfim em África o obrigou a ser poeta em Paris.»

«Em *Schopenhauer y los años salvajes de la filosofía*, de Rüdiger Safranski, encontro uma frase que gostaria de ter escrito: «O homem é o mais perfeito dos animais domésticos»... O autor dela (se outro não a disse antes) foi um professor da Universidade de Göttingen, de nome Blumenbach. Uma outra frase, magnífica, mas esta de Schleiermacher, que eu teria posto como abertura do *Evangelho*, sem mais: «O que tem religião não é o que crê numa Escritura Sagrada, mas o que não precisa dela e seria, ele próprio, capaz de fazê-la.»

«Alguém é capaz de imaginar aquela que seria a maior das revoluções, a revolução de dizer simplesmente a verdade?»

Um dia, na Feira do Livro de Lisboa. «Diz-me uma leitora: «Quando li o *Levantado do Chão* disse comigo – este escritor é diferente dos outros.» Acertou em cheio. Não disse «melhor que os outros», disse «diferente», e não imagina a que ponto lhe fiquei grato. Saiba que entre os muitos milhares de palavras que até hoje se escreveram a meu respeito, nunca tinha encontrado essa. Diferente. Tem razão, diferente. E a mais não aspiro.»

Um outro dia, na Feira, perante outra leitora: ««Para o ano que vem teremos mais *Cadernos*?» Respondo medievalmente como de costume: «Vida havendo e saúde não faltando.» E ela: «É que quero ler neles a notícia do Nobel.» Ponho a cara de sempre, sorriso contrafeito, tonto e de pouco caso, agradeço a gentileza do voto, e passo a assinar o livro que o leitor seguinte me apresenta. «Eu também», diz este, que ouviu a rápida troca de palavras. Desta vez fico sem saber que sorriso pôr.»

\* Excertos retirados dos «*Cadernos de Lanzarote*», de José Saramago

### LINHAS DIREITAS

LUÍS DELGADO



## Deus protege Guterres?

*Se não é Deus, quem é? Ontem, até ao meio-dia, era inegável uma grave crise política e funcional no interior do Governo, envolvendo dois dos mais importantes ministros, e entre o Partido Socialista e Sousa Franco. Por razões que estamos todos fartos de saber. Ontem, até ao meio-dia, era evidente um rombo irreparável na credibilidade governativa, com o desabar de mais uma promessa de limpidez e clareza de acção. Ontem, ao meio-dia, a Academia Sueca atribuiu o Nobel da Literatura a José Saramago. E desde ontem, ao meio-dia, que o País está parado, deslumbrado, maravilhado e, de novo, aparvalhado. Só nos falta ouvir o grito emocionado da última noite da Expo: «Portugal, Portugal...» Na paz de Deus e à sombra do Nobel, Guterres pode descansar por mais uns tempos. E, como a cerimónia da entrega do prémio só é no dia 10 de Dezembro, o primeiro-ministro ainda se pode dar ao luxo de perder o referendo da regionalização sem que ninguém dê por ele. Se Deus não está a dormir, então onde é que está?»*

Luís Delgado assina esta coluna de segunda a sexta-feira



## EDITORIAL

## O ano de todos os prodígios

Neste mesmo espaço, escreveu-se, no dia 25 de Novembro de 1997, o seguinte:

«Goste-se ou não de Saramago e dos seus livros, haja ou não razões compreensíveis de ressentimento face à actuação de Saramago nos seus tempos de maior militância política, a seguir a Abril de 1974, não é difícil perceber que Saramago ficará na história como um nome grande da literatura portuguesa do século XX.» E concluiu-se: «É óbvio que o futuro qualificará a passagem de Saramago pela direcção do DN como património da história deste jornal.»

Estas palavras vinham a propósito da oferta aos nossos leitores de um suplemento especial, integrado no projecto ibero-americano Jornalivos, com a transcrição integral de uma obra de Saramago, *Objecto quase*, ilustrada pelo artista mexicano Juan Barbera, suplemento esse que hoje reeditamos, com particular e compreensível satisfação.

Com isto, e com o mais que o DN hoje insere a propósito do Nobel de Literatura, fica (quase) tudo dito.

Nota complementar – na política, como em tudo na vida, uma *boa estrela* ajuda muito. A de António Guterres é particularmente competente. No ano da inauguração da «maior ponte da Europa», no ano do enorme êxito da Exposição Mundial de Lisboa, no ano da entrada de Portugal para o grupo dos países fundadores do euro, no ano da Cimeira Ibero-Americana do Porto, a mesma cidade que também assegurou há meses o estatuto de Capital Europeia da Cultura em 2001, neste ano de todos os prodígios, o Prémio Nobel da Literatura vem para Portugal – anunciado, para mais, precisamente no dia em que Guterres precisava de uma forte diversão, capaz de afastar a atenção dos portugueses da crise aberta pelo conflito entre Sousa Franco e João Cravinho.

Ficamos a aguardar, com grande expectativa, a agradável surpresa que a Divina Providência nos reserva para a segunda quinzena de Novembro, no caso de o referendo da regionalização correr mal para os socialistas.

M. BETTENCOURT RESENDES

«É óbvio que

o futuro

qualificará a

passagem de Saramago

pela direcção do

«Diário de Notícias»

como património

da história deste jornal»

## INQUÉRITO

## Gosta de José Saramago?



Vasco Graça Moura

Escritor

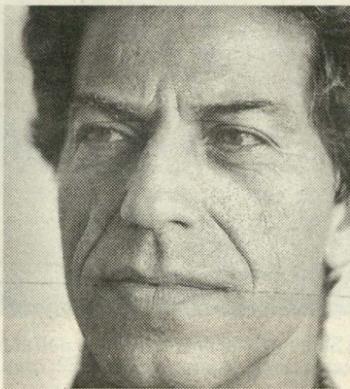
Acho que José Saramago é um grande escritor e sou insuspeito: presidi ao júri que atribuiu o prémio D. Dinis da Casa de Mateus a *O Ano da Morte de Ricardo Reis* em 1985. Por outro lado, penso que o Nobel vai chamar a atenção de maneira muito forte para a literatura portuguesa no seu conjunto.



Rui Alarcão

Professor universitário

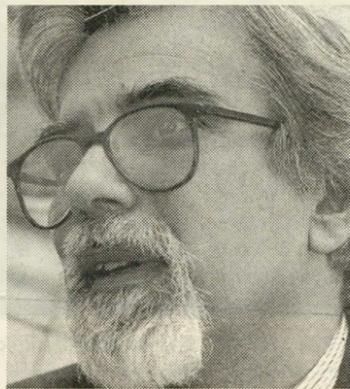
Finalmente foi feita justiça à literatura portuguesa. E, premiando José Saramago, que é realmente um dos nomes maiores dessa mesma literatura, em meu entender, a escolha não podia ser melhor.



Arnaldo Saraiva

Escritor e professor universitário

A prosa de José Saramago é frequentemente volúvel, envolvente. Gosto ou gostei de me encontrar ou confrontar com alguns dos seus personagens, sobretudo, os mais humildes e inconformados, como o senhor José.



José Manuel Mendes

Presidente da APE

Somos íntimos e isso é conhecido. Mas sublinharia o que também é público – o meu apreço pela obra de Saramago, toda ela, desde um tempo anterior ao *Levantado do Chão* e ao *Memorial do Convento*, bem como ao reconhecimento universal que, de livro em livro, o veio consagrando até ao Nobel, que apenas confirmou a opinião de milhões de leitores.



Pedro Santana Lopes

Pres. da Câmara da Figueira da Foz

Por razões de ordem vária, mas principalmente por ser português, tenho grande honra em poder declarar publicamente o orgulho que sinto pela atribuição do Nobel a Saramago. Obrigado pela honra que confere a Portugal e por esta bênção para a língua portuguesa. A Providência tem os seus desígnios e, quem sabe, terá inspirado os juizes da Academia.

## MUNDO

## Alargamento da NATO

Washington tem repetido que uma efectiva expansão da NATO contribuiria para maior segurança da Rússia no quadro do processo de estabilização da democracia na Europa central. A verdade é que aumentam os cépticos.

## The Washington Post

A NATO ganha outra amplitude. Uma alteração significativa, de que, por todo o mundo, se tem plena consciência. Posto isto, cabe ponderar o seguinte: será melhor investir o seu poder militar nas negociações sobre os problemas de segurança com aqueles que não estava previsto enfrentar-se? Esta é uma questão que não tem merecido contestação, pelo menos de maneira convincente, da equipa do Presidente dos Estados Unidos consagrada aos assuntos de segurança. Clinton e os seus colaboradores direc-

tos para esta área têm repetido que impulsionando a expansão da NATO ficaria inevitavelmente assegurado um muito maior desanuviamento na Rússia – inclusive se os russos não o entenderem assim – à luz do processo de estabilização da democracia na Europa central. Neste âmbito, é preciso recordar o *descarrilamento* da Rússia e a guerra civil que, sem delongas por aí além, acabou por estalar no Kosovo. Por isso, a equipa dirigente de Washington tem, neste momento, a grande responsabilidade de manter a tão falada ampliação da NATO.

## MEMÓRIA

## Perigos sociais

Assim como a guerra é designada de atentado contra a civilização, assim os excessos individuais são outras tantas anomalias, que o bom senso tem fatalmente de condenar, comentava o DN, há um século.

Não cremos que o mundo fosse antigamente melhor, antes supomos que ele tenha progredido moralmente, mau grado d'aquelles que censuram sempre o presente e choram saudosamente o passado. Isto é já um lugar comum, que se repete inconscientemente e que se explica pela ancia de não vermos realizado o ideal de perfectibilidade a que aspiram todos os espíritos bem intencionados. É certo todavia que atravessamos um período de inquietação de consolador e que não há nada que explique a exaltação de alguns cerebros que pretendem,

pela violência, regenerar o mundo. Nem o punhal de Havaiillac justifica o procedimento dos que usam o ferro como providencia salvadora, nem o fratricídio de Cain absolve os que caminham na senda do crime. Assim como a guerra está causando grande repugnância e se considera como um atentado contra a civilização, assim os excessos individuais são outras tantas anomalias, que o bom senso tem de condenar fatalmente, não só como contrários aos princípios humanitários, mas até como absurdos, ineficazes e contraproducentes.

## LIDO

«O poder não pode aplicar a Portugal a terapia que aplicou em Barrancos, mesmo que os portugueses o queiram. Se o fizesse comprometia o futuro. Há momentos em que o poder político só o é quando diz não!»

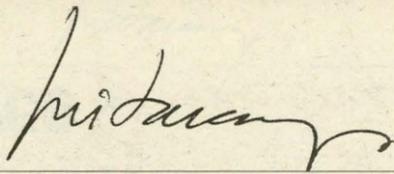
Ângelo Correia  
Política Moderna

«O automóvel é, para grande parte dos utentes das estradas, um local de afirmação e de compensação para casos de frustrações sem solução. (...) O problema de fundo é um caso de educação, melhor dizendo: a falta dela.»

Luís Lagrifa  
Correio da Manhã

«Se Guterres se ocupasse mais com a governação e menos com as aparências, Sousa Franco já teria saído do Governo. Pelo menos desde a demissão de M. Arcanjo.»

José Manuel Fernandes  
Público



# Saramago, um Nobel português

Academia Sueca de Literatura tornou finalmente realidade os rumores dos últimos anos. A língua de Camões foi galardoada

LEONÍDIO PAULO FERREIRA \*

José Saramago tornou-se ontem o primeiro autor de língua portuguesa a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura, confirmando, por fim, os rumores que ano após ano davam como iminente a vitória de um escritor português ou brasileiro. Este ano, em Estocolmo, nas semanas que antecederam o anúncio da decisão da Academia Sueca de Literatura, a possibilidade de premiar a terceira língua mais falada do Ocidente – depois do inglês e do castelhano – voltou a ser insistentemente abordada, com os nomes de Saramago, António Lobo Antunes e Jorge Amado a figurarem entre os favoritos. Foi às 13 horas locais (12 em Lisboa) que um porta-voz da academia sueca anunciou, com alguma dificuldade de pronúncia, o nome de Saramago como vencedor do Nobel.

Ao que parece, Miguel Torga, caso não tivesse já falecido, teria tido a honra de ser o primeiro lusófono galardoado, mas a obra de Saramago teve peso suficiente para se impor, tanto mais que se encontra vastamente traduzida para sueco. Quanto a Torga, um dos senões foi exactamente a quase ausência de livros seus traduzidos para sueco, o que levou mesmo, a dada altura, o Governo português a pensar na hipótese de subsidiar a edição da obra do escritor de São Martinho de Anta na principal língua escandinava.

O nome de Saramago soma-se assim ao dos 94 anteriores vencedores do Nobel da Literatura, um prémio que além do enorme valor em termos de prestígio internacional vale também para o escritor que o recebe cerca de 160 mil contos (7,6 milhões de coroas suecas). O autor de *Memorial do Convento* e de *Ensaio sobre a Cegueira* – e de quase outras três dezenas de obras – estará no dia 10 de Dezembro em Estocolmo para receber o galardão das mãos do rei Carlos Gustavo. Não se tratará da primeira visita de José Saramago à Suécia, pois desde há alguns anos que o escritor ribatejano se desloca com certa regularidade àquele país escandinavo, cons-



SATISFAÇÃO. O recém-nobelizado José Saramago foi ontem o centro das atenções na Feira do Livro em Frankfurt

## Uma vitória da imaginação e da ironia

A Academia Sueca de Literatura explicou ontem, em Estocolmo, que o Prémio Nobel deste ano foi atribuído ao escritor português José Saramago porque o seu trabalho, «com parábolas sustentadas por imaginação, compaixão e ironia, continuamente nos permite captar uma realidade ilusória». Aos 75 anos, o antigo jornalista e destacado militante comunista viu o conjunto da sua obra ser galardoado com o

mais prestigiado prémio literário mundial, um reconhecimento implícito também da importância da língua portuguesa. A França, com 12 prémios Nobel da Literatura, continua a encabeçar a lista por países, seguida pelos Estados Unidos (dez), Grã-Bretanha (oito), Alemanha (sete) e Itália e Suécia (seis cada). Portugal, por seu lado, soma este Nobel da Literatura ao da Medicina conquistado por Egas Moniz.

ciente da importância de conquistar aí leitores e admiradores.

Um dos eternos favoritos, o brasileiro Jorge Amado, não poupou, por seu lado, elogios a Saramago, dizendo que com este prémio a Academia Sueca de Literatura «fez finalmente justiça à língua portuguesa». Traduzido em mais de 30 línguas, o que faz dele um dos mais universais autores de língua portuguesa, Amado declarou que «a notícia causa-me grande satisfação. Se alguém merece o Prémio Nobel, é José Saramago». Palavras de elogio foram também proferidas por Dario Fo, o dramaturgo italiano galardoado

em 1997, para quem «é uma honra» ter recebido o mesmo prémio que o português Saramago.

Não entanto, se o tom de felicitações foi geral, não foi, porém, unânime. O poeta polaco Czesław Miłosz, um dos quatro autores do seu país vencedores do Nobel da Literatura até hoje, afirmou não suportar a escrita de José Saramago. «É uma escrita da moda, cheia de humor, mas esse humor é plano. Confesso que não o suportou», declarou Miłosz à agência noticiosa polaca.

\* Com César Faustino, em Estocolmo

## OS LIVROS



**Terra do Pecado** (Romance) Editorial Minerva, 1947; Caminho, 1997

O primeiro romance de Saramago, que apenas retomaria o género 30 anos depois, com *Manual de Pintura e Caligrafia*. Uma narrativa rústica, à moda do século XIX. Editado em 1947, quase ninguém deu por esta obra, recentemente reeditada pela editorial Caminho. Tudo se passa em cenário regional, numa quinta do Ribatejo.

Com apenas 25 anos de idade, José Saramago aborda a terra como fonte de riqueza, a casa patriarcal, a lavoura. A força de uma protagonista, a viúva e da criada Benedita, de quem emana a

imensa angústia por uma sensação de orfandade, temendo que a patroa doente não consiga fazer prosperar a quinta.

Um enredo que se torna de algum modo melodramático. A queda sexual sem reabilitação. Um beco sem saída. O silêncio causado pela opressão. Uma obra com todos os ingredientes próprios dos finais dos anos 40 e do início da década seguinte.



**Os Poemas Possíveis** (Poesia) Portugal, 1966; Caminho, 1992

«Este mundo não presta, venha outro./

Já por tempo de mais aqui andamos/A fingir de razões suficien-

tes./Sejamos cães do cão: sabemos tudo/De morder os mais fracos se mandamos./E de lambar as mãos, se dependentes.»

Na primeira obra poética de José Saramago descobre-se uma poesia de liberdade, de fraternidade e de luta.

Uma luta disfarçada, por dentro das palavras. Pelo interior labiríntico de respiração que habitam todos estes poemas, publicados pela primeira vez em 1966.

Digamos que eram os «poemas possíveis» da altura, quando a censura espiava a alma dos escritores.

E no entanto, as convicções profundas de Saramago já são bem visíveis em poemas como «Criação»: «Deus não existe ainda, nem sei quando/Sequer o esboço, a cor se afirmará/No desenho confuso da passagem/De gerações inúmeras nesta esfera.// Nenhum gesto se perde, nenhum

traço./Que o sentido da vida é este só:/Fazer da Terra um Deus que nos mereça,/E dar ao Universo o Deus que espera.»



**Provavelmente Alegria** (Poesia) Livros Horizonte, 1970; Caminho, 1985

A segunda investida poética de Saramago surge quatro anos após *Os Poemas Possíveis*.

São poemas de sombra e de luz, entrançados, de uma elaboração feita através do seu próprio avesso, simultaneamente de mar e de trevas.

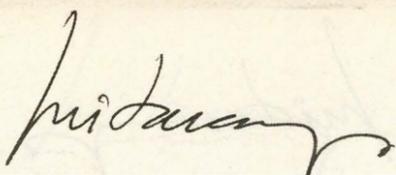
«Devagar, vou descendo entre corais./Abro, dissolvo o corpo:

fontes minhas/De águas brancas, secretas, reunidas/Ao orvalho das rosas escondidas.»

Poemas na altura inovadores, marcados pelo amor dito-escrito em transparências breves, imprecisas, e uma certa amargura-tristeza bem portuguesas, na sua raiz claramente lírica.

A paixão parece sobrepor-se à militância: «Branco o teu peito, ou sob a pele doirado?/E os agudos cristais, ou rosas encrespadas/Como acesos sinais na fortuna do seio?/Que morangos macios, que sede inconformada,/Que vertigem nas dunas que se alteiam/Quando o vento do sangue dobra as águas/E em branca vogamos, mortos de ouro.»

E o erotismo faz, de forma decidida, a sua aparição em verso: «Teu corpo de terra e água/Onde a quilha do meu barco/Onde a reilha do arado/Abrem rotas e caminho.»



# As rosas fizeram a vez dos cravos

ANTÓNIO CARVALHO

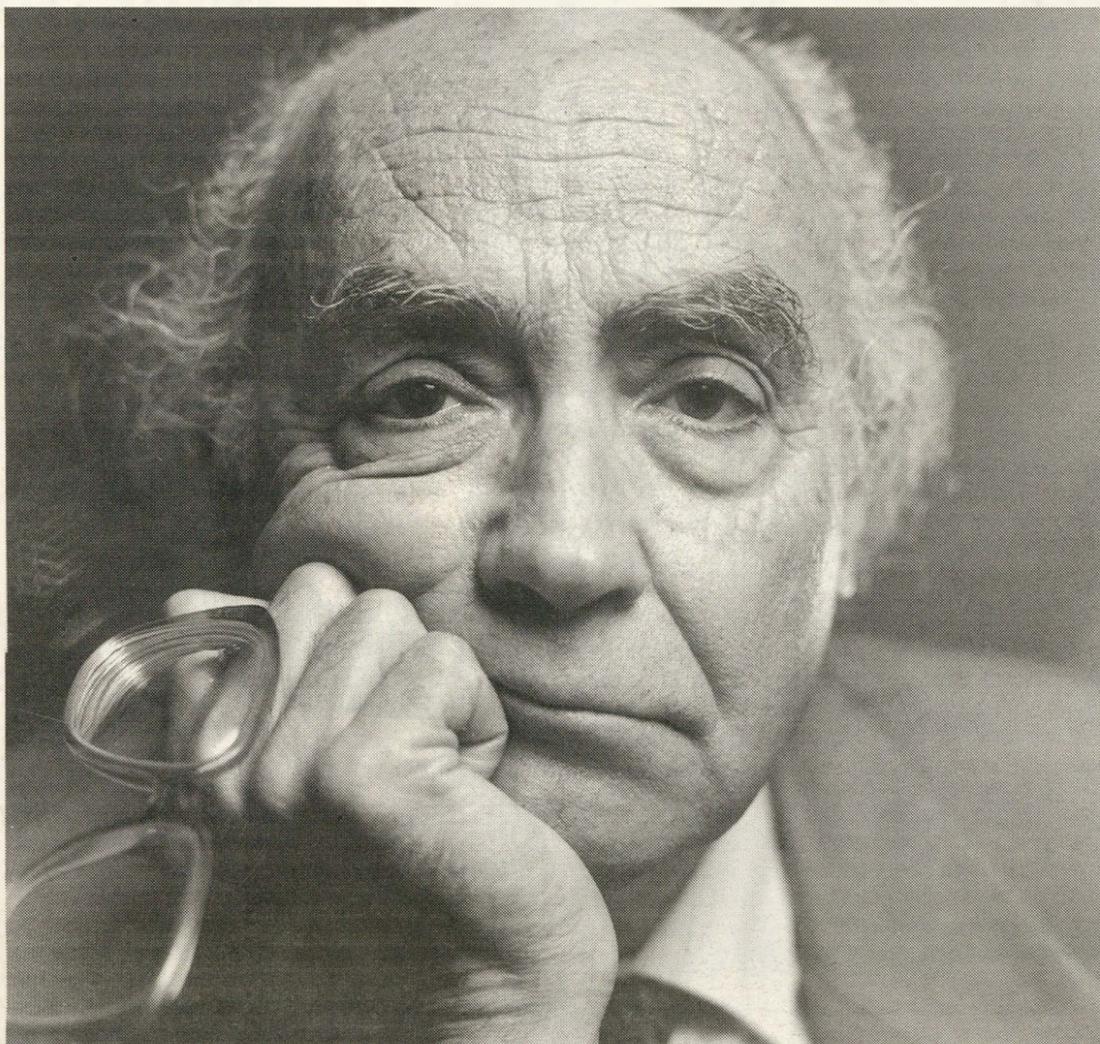
Em Frankfurt

«Vou continuar a dizer não» – o Prémio Nobel da Literatura de 1998, José Saramago, não faz tentativa de mudar uma vírgula ao seu discurso habitual, crítico do mundo em que vivemos. «Agora que me tornei mais visível e certamente também mais audível, vou aproveitar para continuar a dizer as mesmas coisas. O Nobel não é certamente razão para deixar de as dizer.»

Estas palavras de Saramago foram por nós recolhidas numa pequena «sala» de «retaguarda» do pavilhão da Editorial Caminho, onde o escritor se refugiou ontem durante alguns minutos, para escapar ao iminente esmagamento ameaçado por uma centena de repórteres da TV, rádio e imprensa, entre eles apenas seis portugueses – que, aliás, tiveram o privilégio de poder ouvir Saramago nesse espaço acanhado. Lá fora, a multidão faminta roía-se de inveja, mas o escritor frisou bem que este prémio, se lhe dava natural satisfação pessoal, tinha também um valor «patriótico», «no melhor sentido do termo». «Através de mim, de repente, aos olhos do mundo, a língua portuguesa é premiada».

Saramago recebeu a notícia do Nobel no Aeroporto de Frankfurt, quando se preparava para embarcar no voo da Iberia com destino a Madrid. Ainda manifestou ao seu editor, Zeferino Coelho, o desejo de seguir viagem – a mulher, Pilar, esperava-o em Barajas (ela e uma multidão de jornalistas...). Mas o editor convenceu-o a ficar – afinal de contas, o mundo da edição literária está aqui, na Feira de Frankfurt. E não é todos os dias que se tem um Nobel à mão, entre os seus livros...

Entretanto, no espaço português da feira, reinava a alegria geral: escritores (Lídia Jorge, Alice Vieira, Mário Cláudio, Inês Pedrosa, Francisco José Viegas), editores, livreiros, abraçavam-se entusiasmadamente, trocavam parabéns – este prémio não era apenas de Saramago e da Caminho, mas de todos os escritores e editores portugueses. A estes foram-se juntando os colegas estrangeiros,



CRÍTICO. «Agora que me tomei mais visível e audível, vou aproveitar para continuar a dizer as mesmas coisas»

sobretudo espanhóis, igualmente emocionados – havia lágrimas verdadeiras nos olhos de alguns.

O ICEP mandou buscar garrafas de champanhe, enquanto as rosas do seu balcão passavam para as mãos dos mais entusiasmados. Como se fossem cravos. Ao fim de uma longa hora de espera, Saramago chegou e foi a correria geral, palmas e gritos, «Portugal! Portugal!», Carneiro Jacinto (ICEP) e Manuel Brito (APEL), improvisados guardacostas do escritor, gritavam ainda mais alto: «Para trás!», «Recuem!», «Se não recuarem não há perguntas!», «Quero a TV aqui à frente!».

Foi necessário que Saramago subisse a uma mesa, sorridente, para que todos tivessem direito a um plano do «homem do dia».

Aliás, nessa altura, já os jornalistas estavam também de pé, em cima das mesas e cadeiras. O cerco (ou o circo?) apertou-se e fizeram Saramago recuar para a tal salinha, antes do esmagamento final. Dali saiu mais tarde, para um curto período de perguntas e respostas, e novamente regressou ao «esconderijo» para receber a imprensa, rádio e TV portuguesas, e os abraços dos seus editores estrangeiros.

Ainda nos confidenciou que, embora ainda pensasse nele, não tinha nenhum motivo para esperar que o Nobel deste ano lhe fosse atribuído. Daí que estivesse pronto a embarcar, à mesma hora a que o prémio foi anunciado. Depois de lhe terem dado a boa nova, atravessou «um corredor estranhamente deserto do Aeroporto

de Frankfurt» – e, subitamente, aí estava ele, o Nobel, com a sua mala e a gabardina, e com a sua solidão. «Como se tivesse levado uma pancada na cabeça...». As suas reflexões só vieram mais tarde, instado a responder a tantas perguntas. «Não me senti no pináculo do mundo, isso não», disse então.

Um só lamento: não ter a mulher, Pilar, consigo, naquele momento.

E uma consolação: a partir de agora, deixa de ser atormentado todos os anos, na semana anterior ao anúncio do Nobel... Como poderemos, certamente, ler no próximo volume dos seus *Cadernos de Lanzarote*.

E, agora, resta-nos esperar pelo próximo romance: *A Caverna*. Que não será bem a de Platão.

## A Bagagem do Viajante (Crónicas) Caminho, 1973

Um conjunto de crónicas de José Saramago, publicadas pela primeira vez em no

vespertino *A Capital* (1969) e no mítico *Jornal do Fundão* (1971-1972).

Uma escrita fluida para falar de «foguetes e lágrimas» ou de «o melhor amigo do homem». E de «quando morri virado ao mar». Para nos contar o seu gosto pelos museus e as pedras velhas. Para nos dizer que «não há nada mais vivo do que a aguarela de Albrecht Durer». Para responder que: «Se alguém me perguntar o que é o tempo, declaro logo a minha ignorância: não sei.»

São mais de 60 crónicas, pequenas histórias sobre temas variados e, na aparência, inocentes, já que a censura vigente não permitia grandes atrevimentos. Ainda que por entre as sutilezas de linguagem se possam encontrar alguma farpas.

No domínio da crónica, José Saramago publicou igualmente *Deste Mundo e do Outro* (1971), e *As Opiniões que o DL Teve* (1974).



**O Ano de 1993** (Poesia) Futura, 1975; Caminho, 1987

Editado pela primeira vez em 1975, a reedição da Caminho, doze anos depois, vem acompanhado pelos

desenhos da pintora Graça Morais. São pequenas histórias a formarem uma só. Una e intacta.

Poesia a lançar já pontes para a ficção. Sem rima, fraseada, falando do futuro da própria escrita do autor.

Poemas de alerta, mas de esperança, também, apesar do desespero que reside no seu fundo ainda lírico e iniciático.

«O interrogatório do homem que saiu de casa depois da hora de recolher começou há quinze dias e ainda não acabou/Os inquiridores fazem uma pergunta em cada sessenta minutos vinte e quatro por dia e exigem cinquenta e nove respostas diferentes para cada uma/É um método novo/Acreditam que é impossível não estar a resposta verdadeira entre as cinquenta e nove que foram dadas/E contam com a perspicácia do ordenador para descobrir qual delas seja e a sua ligação com as outras/

(...)/O homem que saiu de casa depois da hora de recolher não dirá porque saiu/E os inquiridores não sabem que a verdade está na sexagésima resposta/Entretanto a tortura continua até que o médico declare/Não vale a pena.»



**Os Apontamentos** (Crónicas) Caminho, 1976

Editoriais do DN e crónicas publicadas no *Diário de Lisboa*, onde Saramago sublinha: «No meio de tantas palavras, não encontro senão duas que gostosamente apagaria se não fosse o escrúpulo de proteger o meu próprio respeito. É quando, uma e outra vez, falo de "jornalistas re-

## Na véspera gracejava com o Nobel da Economia

A. C.

Na noite anterior, durante um debate sobre «Ser comunista hoje», na Alte Oper, José Saramago, comentando o estado do mundo e da economia actual, expôs a sua própria teoria do que devia ser o desenvolvimento harmónico e gracejou: «Espero que me dêem o Nobel – da Economia, claro está... – por esta teoria.» O público riuse da ironia mordaz, mal sabendo que, cerca de 12 horas depois, o escritor iria ser mesmo premiado – mas pela sua obra literária. Nessa noite ele, Urbano Tavares Rodrigues, Alice Vieira e Mário de Carvalho, «quatro comunistas escritores, e não quatro escritores comunistas» (sublinhado de Saramago), apresentaram as suas razões pessoais para continuarem fiéis ao partido e aos seus ideais.

Foi pouco participado mas deu, pelo menos, para que Saramago explicasse as razões do seu pessimismo: «os pessimistas têm razões para achar que o mundo deve mudar», afirmou.

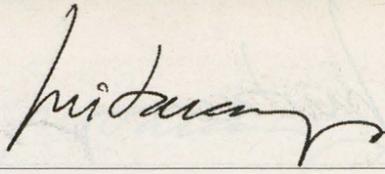
Disse ainda que não acredita que o sistema em que vivemos seja realmente uma democracia. «Sê-lo-á politicamente.» «Mas o Poder onde está? Está noutra lado e não é democrático, é económico e financeiro. Os Governos são meros comissários encarregados da gestão corrente dos países». Quanto à tão falada «globalização», «Fosse ela comunista e seria chamada totalitarismo. Mas tal como está não é menos totalitária». E reafirmou a sua crítica do poder: «Há um vírus nas relações humanas, contra o qual não existem vacinas. É o poder, que faz perder de vista o essencial».

Questionado quanto ao abandono do PCP por parte de tantos intelectuais, ironizou: «Quando as coisas correm bem e a viagem decorre sem escolhos, os intelectuais, em geral, têm tendência a passar para a proa do barco, anunciando o horizonte, quando a viagem corre mal, os intelectuais regressam à popa do navio, onde o risco de colisão é menor.»

volucionários". Como se não bastasse a ingenuidade de os imaginar assim, ainda fui cair na presunção de me incluir no grupo. Ilusão minha, ilusão nossa.»

Em *Apontamentos*, olhar de Saramago, nomeadamente, sobre «os emigrantes, hoje e sempre»; «os franceses de torna-viagem»; «as regras da convivência»; «o eufemismo como política», ou «a resistência renegada».

Ganhou a língua e toda a literatura portuguesa. Uma forma de conhecer com alguma profundidade o lado militante de José Saramago, que aqui surge de forma bastante evidente, ao contrário das suas obras de ficção, onde as convicções políticas, embora lá, aparecem de forma bastante mais diluída. Para descobrir a fase em que José Saramago alertava para os perigos do fascismo e para as virtudes do socialismo.



# Ganhou a língua e toda a literatura portuguesa

■ Pouco tempo após a notícia da atribuição do Nobel da Literatura a Saramago, choveram reacções. De agrado ou desagrado pela decisão da Real Academia Sueca.

**Jorge Sampaio** É a consagração do português e uma grande satisfação colectiva. Tenha-se ou não concordado com ele, foi sempre um testemunho claro e preciso sobre as suas convicções. A atribuição deste prémio é uma afirmação, neste ano, muitíssimo significativa e importante para todos nós, quaisquer que sejam as nossas convicções. Olhamos para esse grande trabalhador da língua portuguesa, esse grande criador, e enviamos-lhe um abraço fraterno por nos ter dado esses milhares de páginas magníficas que tivemos a possibilidade de ler.

**António Guterres** A literatura portuguesa já há muito tempo merecia esta distinção, que é, para nós, um motivo de profundo orgulho. É um testemunho do reconhecimento internacional do papel que Portugal tem na constituição do mundo moderno em que vivemos. Esse é um papel em que a literatura portuguesa sempre se afirmou com uma enorme pujança, como é o caso de Saramago.

**Manuel Maria Carrilho** É a consagração de uma obra original, que dignifica a cultura e a literatura portuguesa. A consagração de um autor, um trajecto e uma capacidade criadora singular, mas também da cultura e valores portugueses. É de lamentar a cegueira de quem censurou este homem.

**Mário Soares** Finalmente fez-se justiça à literatura portuguesa e uma extrema justiça que o Prémio Nobel tenha sido atribuído ao mais conhecido e mais lido dos escritores portugueses.

**Conselho de Ministros** Congratulou-se, considerando que a decisão constitui um reconhecimento internacional de Portugal no domínio cultural.

**Assembleia da República** Todas as bancadas aprovaram por aclamação um voto de saudação. Manuel Monteiro, Jorge Ferreira,



Krus Abecasis e Maria José Nogueira Pinto saíram do hemiciclo no momento da votação.

**João Soares** É uma coisa que obviamente dá grande alegria e orgulho a todos os portugueses.

**Carlos Carvalhas** Um grande dia para Portugal, para a literatura, a cultura e a língua portuguesa. E para os militantes do PCP e todos os «levantados do chão».

**Sousa Lara** Se hoje se mantivessem as mesmas circunstâncias, designadamente o regulamento do prémio e a obra em causa, tomaria a mesma decisão [de vetar *O Evangelho segundo Jesus Cristo* para o Prémio Europeu de Literatura]. Mas como político tenho uma característica, o *fair play*, e dou os parabéns ao vitorioso.

**Juan Carlos** Enviou a Sampaio uma mensagem em que exprime

«a mais calorosa felicitação, em seu nome e de todo o povo espanhol». É «um insigne representante da língua portuguesa», diz.

**D. Ximenes Belo** Alegro-me e orgulho-me. Parabéns ao escritor, ao povo português e aos que cultivam a língua portuguesa.

**Marcolino Moco** No momento em que passos importantes para a defesa da língua portuguesa estão

a ser dados, este prémio é muito importante. O mérito da obra há muito que o vinha justificando.

**Marco Maciel** (vice-presidente do Brasil) A atribuição do Nobel é bem a expressão do vigor que caracteriza a literatura de Portugal, inclusive pelo seu refinado estilo. Fico satisfeito porque também é uma homenagem à latinidade.

**José Aparecido de Oliveira** A escolha faz justiça a um dos maiores escritores de língua portuguesa de todos os tempos.

**José Manuel Mendes** (Associação Portuguesa de Escritores) É uma profunda alegria para os leitores e amigos do escritor e sobretudo para a literatura portuguesa.

**Vargas Llosa** Muito justa. Era um borrão na história do Prémio Nobel que uma literatura que deu poetas, novelistas e ensaístas tão extraordinários não tivesse recebido até agora este galardão.

**Maria Teresa Horta** A literatura portuguesa há muito tempo que merecia um Nobel, mas a Academia continua a dar prémios aos homens e a esquecer as mulheres. Existem escritoras em Portugal com melhores obras.

**Eugénio de Andrade** Estou muito contente por o prémio ter sido concedido a um escritor português. Contudo, o meu candidato não seria um prosador mas um poeta, por pensar que a poesia é a expressão do génio português.

**D. Manuel Martins** Como português, estou extraordinariamente feliz com a atribuição de um Prémio Nobel a um compatriota. Ficaria muito mais contente se Saramago, que escreve lindamente, se deixasse iluminar por ideais cristãos, já que, infelizmente, nessa linha deixa muito a desejar.

**D. Duarte** É um autor de leitura difícil e pesada, que insulta abertamente os sentimentos cristãos. Duvido que os membros do júri tenham lido os seus livros. É como se tivéssemos ganho o campeonato de futebol. É bom mas não tem muito conteúdo.

## OS LIVROS

José Saramago

Manual de Pintura e Caligrafia

**Manual de Pintura e Caligrafia** (Romance) Edição Moraes, 1977; Caminho, 1983

Um apego ao concreto. Uma obra tida como ímpar no género da literatura autobiográfica. Depois de ter investido, durante 30 anos, na poesia e na crónica, José Saramago regressa às origens e recupera o romance, género com que tinha iniciado a sua carreira. Aos 55 anos, inicia nova vida literária, que o irá transformar no mais conhecido escritor português contemporâneo.

Carta de ideias e rumos. Os muros de Caxias. Um pintor a retratar as vicissitudes do quotidiano. Sabe que nunca cabará o segundo quadro. «O retrato está tão

longe do fim quanto eu quiser, ou tão perto quanto eu decidir». Saramago e o homem no tempo e nas circunstâncias, nas luzes e nas sombras. Saramago em viagem. «Verifico que mais fácil me foi ir dizendo quem era do que afirmar hoje quem sou». Saramago de inquietações e interrogações, de luta política. A última página deste romance regista a queda do regime.

José Saramago

A Noite

**A Noite** (Teatro) Editorial Caminho, 1979

Depois de ter feito jornais, escreveu sobre eles. Foi em *A Noite*, a

primeira obra dramática de Saramago que o escritor dedica a Lu-

zia Maria Martins, a pessoa que o «achou capaz de escrever uma peça». Seria mesmo. A noite de que se fala nesta peça ficou para a história: de 24 para 25 de Abril. A acção passa-se na redacção de um jornal em Lisboa e autor avisa: «Qualquer semelhança com personagens da vida real e seus ditos e feitos é pura coincidência. Evidentemente.» Nem outra coisa seria de esperar. A ironia passa também pela história desta noite em que administradores e redactores entram em conflito. Uns a gritar que a máquina «há-de parar» e outros a defender que ela «há-de andar». Quando o escreveu, Saramago já sabia que, para o bem e para o mal, a máquina tinha continuado a andar. *A Noite* chegou aos palcos em Maio de 1979 pelo Grupo de Teatro de Campolide. Com encenação de Joaquim Benite e direcção musical de Carlos Paredes, a peça con-

tava, entre outros, com a participação de António Assunção no papel do chefe de redacção Abílio Valadares.

José Saramago

Levantado do Chão

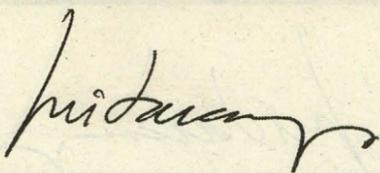
**Levantado do Chão** (Romance) Caminho, 1980

A transformação social. A contestação. Personagens em diálogos. As cruentas desigualdades sociais. Surgem as perguntas proibidas. Vai-se adquirindo consciência e espaço, para que tudo se levante do chão. Um livro composto por 34 capítulos.

No 17º está a tortura e a morte de Germano Santos Vidigal. Germano, o nome que significa ir-

mão, o homem da lança. Apesar de vencido, o sacrifício da sua vida indica o caminho. «Já o encontraram. Levam-no dois guardas, para onde quer que nos voltamos não se vê outra coisa, levam-no da praça, à saída da porta do sector seis juntam-se mais dois, e agora parece mesmo de propósito, é tudo a subir, como se estivéssemos a ver uma fita sobre a vida de Cristo, lá em cima é o calvário, estes são os centuriões de botar rija e guerreiro suor, levam as lanças engatilhadas, está um calor de sufocar, alto.»

As mulheres são também chamadas à primeira linha das decisões neste belo romance de Saramago. O diálogo monossilábico entre marido e mulher da família Mau-Tempo vai-se alterando. Interessante observar uma narrativa que vai da submissão ao sentido de libertação, através de gerações.



# Mulher e filha mostram orgulho

LÍLIA BERNARDES \*

A mulher de José Saramago, a jornalista Pilar del Rio, assegurou ontem que o escritor sente «uma grande honra e alegria» ao ser o primeiro português a receber um Nobel da Literatura.

A casa do escritor português, no pequeno povoado de Tias, na ilha canária de Lanzarote, encheu-se ontem de personalidades que ali acorreram com a intenção de felicitar o escritor. A sua mulher atendeu uma avalanche de chamadas telefónicas, entre elas as do escritor Alvaro Mutis e do fotógrafo Sebastião Salgado.

Pilar del Rio, jornalista e tradutora dos últimos livros do marido, só falou com Saramago escassos minutos, porque ele ficou sem moedas durante a chamada telefónica que fez para casa numa cabina do aeroporto de Frankfurt.

A mulher de Saramago disse, ainda, que a obra do escritor é reflexo da sua personalidade, cujas principais características são a «coerência e a integridade». «É uma pessoa muito íntegra, um homem coerente e autodidacta, de uma grande cultura», sublinhou.

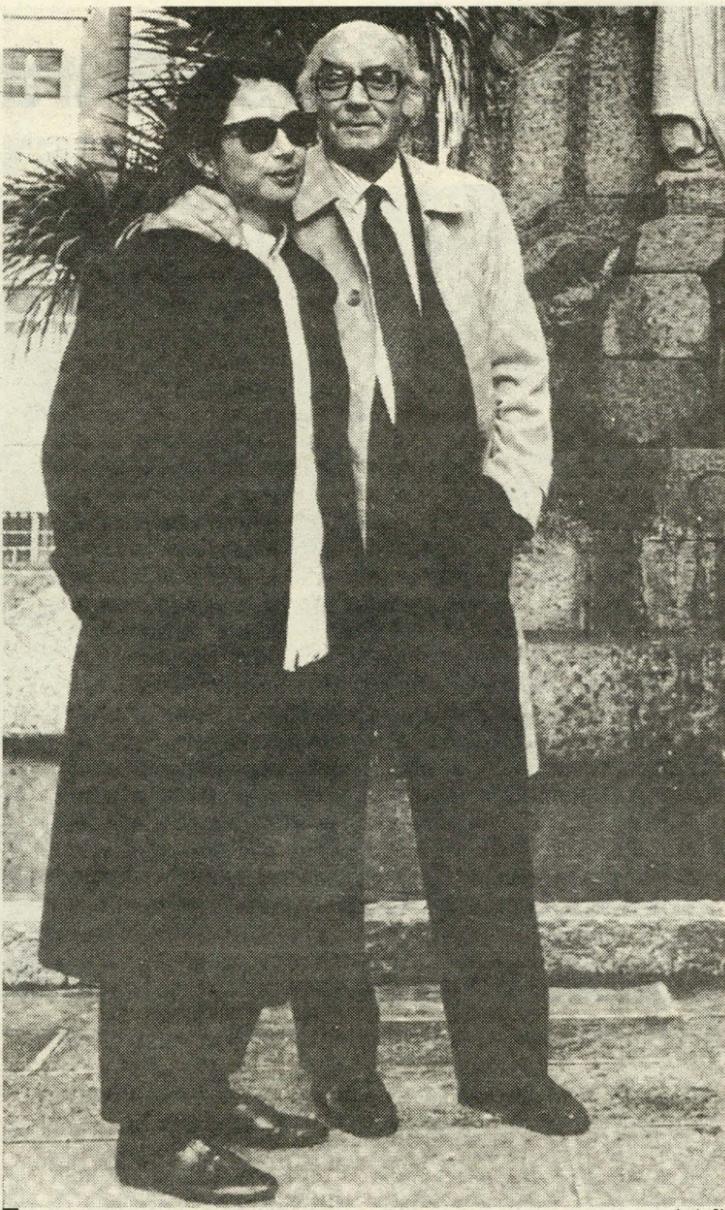
Por sua vez, a filha do escritor, Violante, soube do prémio atribuído ao pai, quando decorria a

reunião normal da Câmara do Funchal. Violante Saramago Matos é vereadora na autarquia funchalense e deputada pelo PS ao parlamento regional. Bióloga, 50 anos, é casada com o madeirense Danilo Matos irmão de Arnaldo, o ex-líder do MRPP. Filha única, partilhou o mesmo espaço até aos 25 anos quando abandonou a família para iniciar uma vida própria. «A minha relação com ele é forte. Não precisamos de falar muito», referiu ao DN. Demonstrando alguma dificuldade em inserir a escrita de Saramago num espartilho literário, há uma coisa que Violante não tem dúvidas: «É um escritor de esquerda.»

A Câmara do Funchal aprovou, ontem, um voto de louvor a José Saramago. Violante desconhecia o gesto porque, entretanto, abandonara a reunião.

«Neste momento, haverá muita gente roída por tudo aquilo que tem feito ao escritor José Saramago.» Por exemplo? «O Sousa Lara deve estar a pensar: que raio de mundo é este que dá um Nobel a um escritor contra o qual vociferei tanto. Tenho imenso orgulho no meu pai e um gozo enorme relativamente àqueles que, ao longo dos anos, procuraram achincalhá-lo», referiu.

\*Com Lusa



APOIO. Pilar Del Rio traduziu alguns dos últimos livros do marido

## CRÓNICA

### Do cerco de Lisboa



FRANCISCO JOSÉ VIEGAS

Há várias razões para festejarmos este Nobel. Mas fiquemos por uma: é nosso. Podemos interrogar-nos sobre a justiça de um prémio, sobre a sua injustiça, o que quiserem – mas em outros anos. Este ano o prémio é de Saramago, ou seja, é da nossa língua. Podemos encontrar razões para que fosse atribuído a outros. Ismail Kadaré estaria bem, e estaria bem Tomas Transtromer, ou até Hugo Claus. Mas todas as outras razões valem de pouco neste dia.

Saramago fala por todos nós. Por nunca ter abdicado das suas opiniões, por ter acreditado que valia a pena escrever, por ter ressuscitado parte da nossa História nos seus livros. O Nobel vai também, por isso, para Baltasar Sete Sóis e Blimunda Sete Luas, os de *Memorial do Convento*. E vai para o senhor José, de *Todos os Nomes*. E para o melancólico, triste e solitário Ricardo Reis do seu livro. E vai para o Silva revisor da *História do Cerco de Lisboa*. E para essa mulher resistente e cheia de fé do *Ensaio sobre a Cegueira*. E para o Cristo que Saramago quis humanizar no seu *Evangelho*. Porque são essas personagens, humaníssima gente de papel e tinta, que levaram Saramago até às nossas mãos, tal como nas páginas do *Memorial* se escutava a música de Scarlatti e se viam as almas roubadas pela feiticeira Blimunda. Saramago soube, com os seus livros, transportar para a literatura essas grandes sombras que são a ironia, a inteligência, a bondade, a história e a sensibilidade. Nunca recusou abrir a porta dos seus livros ao puramente fantástico, ao incómodo de pegar em temas perigosos ou apenas impopulares.

A inveja nacional fica aguçada. E algum despeito. Mas a verdade é que Saramago, custe o que custar admitir a tanta gente, reinventou a arte de escrever português e a arte de interrogar a nossa História. Os argumentos da Academia sueca estão muito bem, mas nós temos um, grande, indiscutível, indimentável, insuperável: é nosso, fala a nossa língua.

## CRÓNICA

### Atenção, lisboetas, somos campeões do mundo de Literatura!



ANTÓNIO REGO CHAVES

Saio para almoçar, um carro com altifalantes, em plena Avenida da Liberdade, arenga às massas. Penso, ó santa ingenuidade: é a câmara que anda a dar a notícia aos lisboetas. Nada disso, era só uma questão de bois que iam ser

lidados no Campo Pequeno. Na livraria pergunto: e a montra, que tal enchê-la com as obras dele? Sim, pois, mas sem entusiasmo. No restaurante, sim. Uns gesticulam, outros discutem, um gordo parece roxo de cólera. Digo para mim: aí está, este não gostou d' *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, como Sousa Lara, tudo bem, é o seu direito; aliás eu também não, parece-me um livro fútil, o tema não se presta a incursões lúdicas, sem verdadeira espiritualidade. Mas o *Memorial do Convento* ou *O Ano da Morte de Ricardo Reis*?

Depois pus-me a escutar: afinal aqui a conversa era sobre a banca, ali abordava-se o magno problema dos golos e dos árbitros, acolá a problemática dos seguros.

Regresso cabisbaixo ao jornal, o meu reino não é deste mundo, o meu mundo não é deste reino. A 11 de Abril eu tinha-o saudado no DN, após a sua estada em Chiapas: «Já tardava termos um escritor português vivo de renome internacional que se dignificasse e nos dignificasse por tornar público um gesto de fraternidade que ultrapassasse as fronteiras onto-

lógicas do seu querido umbigo e dos bairros que lhe são adjacentes. Já tardava termos bem vivo um cidadão português do mundo, escritor, ainda que exilado algures em Tenerife. Obrigado.»

Hoje, repito ao «inveterado comunista», como diz o Vaticano – o que é uma honra, porque nem o Papa se atreverá a chamar-lhe «invertibrado» – : «obrigado!». Obrigado por sermos campeões do mundo de Literatura, José Saramago! Talvez os portugueses agora falem disso nas ruas, nos restaurantes e nas livrarias!

### Que Farei com Este Livro?

(Teatro) Editorial Caminho, 1980

A pergunta é formulada por Camões,

quase no final da obra, e o livro a que se refere não poderia ser outro se não *Os Lusíadas*. Que farei com este livro? Saramago decidiu fazer mais uma peça de teatro, uma obra cuja acção decorre em Almeirim e Lisboa, entre Abril de 1570 e Março de 1572, ou «com menor rigor cronológico, mas com maior exactidão, entre a chegada de Luís de Camões e Lisboa, vindo da Índia e Moçambique, e a publicação da primeira edição de *Os Lusíadas*».

Entre personagens históricas também há lugar para os tais re-

presentantes do povo e para o escritor, todos a acompanhar a edição de *Os Lusíadas*. Ou de um outro livro qualquer. «Se eu fosse esmolar pelas ruas e praças talvez me dessem dinheiro para comer. Mas não mo dariam se seu dissesse que o destinava a pagar ao livreiro que me imprimisse o livro.» Foi Camões ou Saramago a dizê-lo?



**Viagem a Portugal** (Livro de viagens) Caminho, 1981

De Nordeste a Noroeste, caminhos que vão dar às

«Meninas de Castro Laboreiro», à «História do soldado José Jorge» ou ao Monte Evereste de Lanho-

so. Depois, as «Terras baixas, vizi-nhas do mar».

Encontramos nelas «Um Castelo para Hamlet», e descobre-se que nem todas as ruínas são romanas. Viaja-se ainda pelas «brandas beiras de pedra», com as «novas tentações do demónio» e «o fantasma de José Júnior».

Um convite, entretanto, a parar em todo o lado, entre Mondego e Sado, para observar «artes da água e do fogo» ou as chaminés e laranjais. E um passeio pela «grandé e ardente terra de Alentejo». Aí, «a noite em que o mundo começou»; aí, «uma flor da rosa»; aí, onde «é proibido destruir os ninhos». E mais o sol, o pão seco e o pão mole do Algarve, com «o português tal qual se fala».

«Pelos caminhos de Portugal/ Eu vi tantas coisas lindas vi o mundo sem igual», canta o cancionero popular, e assim faz Saramago, com a diferença essen-

cial que a qualidade da sua escrita está bastantes furos acima. Uma viagem, se não pelo Portugal profundo, pelo menos por uma forma profunda de ver Portugal.



**O Memorial do Convento** (Romance) Caminho, 1982, e Círculo de Leitores

Um romance histórico inovador. Perso-

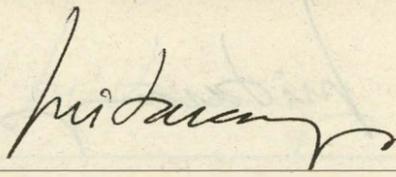
nagem principal, o Convento de Mafra. O escritor aparta-se da descrição engessada, privilegiando a caracterização de uma época. Segue o estilo: *Era uma vez um rei que fez promessas de levantar um convento em Mafra... Era uma vez a gente que construiu esse convento... Era uma vez um soldado mane-*

ta e uma mulher que tinha poderes... Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido.

Tudo, era uma vez... Logo a começar por «D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa a até hoje ainda não empenhou (...). Depois, a sobressair, essa espantosa personagem, Blimunda, ao encontro de Baltasar.

Milhares de léguas andou Blimundo, e o romance correu mundo, na escrita e na ópera (numa adaptação do compositor italiano Azio Corghi).

Para a nossa memória ficam essas duas personagens inesquecíveis, um Sete Sóis e o outro Sete Luas, a passearem o seu amor pelo Portugal violento e inquisitorial dos tristes tempos do rei D. João V.



## Todos os nomes de José Saramago

ANA MARQUES GASTÃO

Ateu graças a «um altíssimo grau de religiosidade» – o seu Deus é puramente ficcional –, comunista convicto dos que acreditam que o homem ao ser formado pelas circunstâncias deve formá-las humanamente, irónico, interventivo, senhor de si, eis José Saramago, agora distinguido com o Nobel da Literatura.

Ser perplexo, o autor de *Memorial do Convento* conhece a relatividade como um dos elementos trágicos do seu universo e aponta o dedo a uma doença, denunciada em *Ensaio sobre a Cegueira*, que afecta a Europa, Portugal, um planeta chamado Terra: a doença da razão: «Se a ética não governar a razão, a razão rir-se-á da ética.» E é esta dimensão de intervenção social que o tem vindo a notabilizar, a faceta da responsabilização do escritor perante os problemas universais do seu tempo.

Homem e escritor, inseparáveis. Romancista, cronista, poeta, dramaturgo e jornalista... Um caso de notoriedade em Portugal e no estrangeiro, traduzido em diversos idiomas, a sua escrita foi já inspiração de copiosa bibliografia. Vencedor de vários galardões, entre os quais Grande Prémio de Romance e Novela da APE (1991), Prémio Consagração de Carreira da SPA e Prémio Camões (ambos em 1995), entre muitos internacionais, como os Prémios Mondello ou Brancatti (1992).

Filho e neto de camponeses, o autor do polémico *O Evangelho segundo Jesus Cristo* nasceu na aldeia de Azinhaga, Ribatejo, a 16 de Novembro de 1922, hoje dir-se-ia cidadão do mundo. Pode-se considerá-lo um autodidacta, possuidor, porém, de uma vasta cultura a par do desempenho de várias profissões, de serralheiro mecânico a funcionário administrativo, de trabalhador em editoras a funcionário da saúde e da previdência social. Tradutor...

Talvez por aí se explique o facto de grande parte da sua obra ter sido escrita e publicada quando o escritor contava mais de 50 anos. Quanto ao trajecto literário, marcado pelas noções de esperança e de morte, assume o sentido de uma certa oralidade discursiva,



TEMÁTICAS. Saramago problematiza a História, mitos, figuras religiosas, sendo um artífice da língua escrita

ou seja, ele é não só o contador de histórias assinaladas por uma poeticidade imaginativa, mas revela-se o artífice da palavra ainda que, por vezes, numa intencionalidade mimética do estilo barroco. E a ironia, o salto do humor para fora do texto, faz-se amiúde.

De entre tantas experiências profissionais, o jornalismo não poderá, desde logo, dissociar-se da escrita literária. Volumes como *Deste Mundo e do Outro* (1971) ou *A Bagagem do Visitante* (1973) denunciam já o cronista-escritor atento à experiência do social, às personagens do quotidiano, bem como na poesia – *Os Poemas Possíveis* (1966) ou *Provavelmente Alegria* (1970), entre outros – se prepara a emergência do romancista tanto no que se refere às opções temáticas como às estratégias discursivas. Afinal, Saramago nada mais tem feito do que renovar a tradição literária, até ao nível da irrupção do pícaro. Relembre-se o feliz *Levantado do Chão* ou o histórico *Memorial do Convento*, influenciado por Vieira ou Manuel Bernardes. O roman-

ce de Blimunda e Baltasar é de uma lírica humanidade, entrando no terreno do fantástico.

José Saramago tem sido uma personalidade envolvida na vida pública do seu país, desenvolvendo, depois de 1974, uma militância política intensa. Depois de finais de 1975, esbate-se, no entanto, essa faceta para fazer emergir a de escritor. Colaborou, entretanto, na revista *Seara Nova* e, em 1972 e 1973, integrou a redacção do *Diário de Lisboa*, onde foi co-

ordenador político, tendo também coordenado durante um ano o suplemento cultural do vespertino. Pertenceu à direcção da Associação Portuguesa de Escritores e é, desde 1984, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. Entre Abril e Novembro de 1975, foi director adjunto do *Diário de Notícias*.

Desde que publicou aquele que é verdadeiramente considerado o seu primeiro romance – já havia editado *Terra do Pecado*, em

### Comunistas felicitam camarada de partido

José Saramago, militante do PCP. A intervenção política é uma faceta marcante na vida do escritor. Alinhado com Cunhal, que sempre defendeu, é um convicto anti-regionalista. Talvez o único ponto em que diverge claramente da linha oficial do partido que o elegeu em 1989 para a presidência da Assembleia Municipal de Lisboa. Uma experiên-

cia que acabou com um pedido de demissão motivado por divergências internas. Mesmo assim, Saramago é uma constante nas listas eleitorais da CDU para as legislativas, para as autárquicas e até para o Parlamento Europeu. Uma curiosidade já que é feroz antieuropeísta. Ontem recebeu, por carta, calorosas felicitações do sector intelectual do PCP.

1947 –, *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977), o escritor não abandonará mais a abordagem reflexiva das questões cruciais da sociedade e da literatura do seu tempo. Nessa obra é tratada a problemática da representação artística, bem como em *Levantado do Chão* surge o pícaro pungente no explodir da luta do Homem contra a opressão. A problematização do História, campo de trabalho do romancista, reconhece nesse livro o início de uma escrita de costumes.

As longas divagações de Ricardo Reis, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), colocam o leitor no centro do diálogo entre o criador e a personagem (e o seu biógrafo Fernando Pessoa), viajante solitário em torno dos seus aposentos e de Lisboa. Saramago é, aliás, exímio na evocação de determinadas épocas que não são alheias a um certo legado histórico-literário que se reclama de matriz marxista. Os romances do autor de *Todos os Nomes*, seu último livro, no fundo um ensaio, polémico ou não, sobre a existência (*Ensaio sobre a Cegueira* propunha mais uma visão concentracionária e apocalíptica no sentido de uma longa interrogação), envolvem, de alguma forma, o leitor num processo de intertextualidade, como é o caso da *persona* de Ricardo Reis.

A ficção tem, pois, a função de repensar a História (*Jangada de Pedra*, por exemplo), de colocar questões no entrecruzar do real e do imaginário, de problematizar o amor – a mulher, quase sempre figura clarividente: «A mulher pode ser outros olhos, num sentido transformador» –, de desvendar o sentido da condição humana de exploração de recursos estilísticos...

Pelo lado encantatório e barroquizante, a obra de José Saramago tem sido associada ao realismo mágico de Garcia Marquez e Alejo Carpentier... Para o autor de *In Nomine Dei*, os três escritores mais importantes deste século são, porém, Kafka, Pessoa e Borges, disse, um dia, e continuará a insistir naquilo que define, segundo ele próprio, o seu último romance, *Todos os Nomes*: a procura do outro. Porque, confessou já, escreve para compreender.

### OS LIVROS

José Saramago  
O Ano da Morte de Ricardo Reis

**O Ano da Morte de Ricardo Reis** (Romance) Caminho, 1984, e Círculo de Leitores

Um tempo múltiplo. La-

biríntico. As histórias das sociedades humanas. Ricardo Reis chega a Lisboa em finais de Dezembro de 1935. Fica até Setembro de 1936. Uma personagem vinda de uma outra ficção, a da heteronímia de Fernando Pessoa. E um movimento inverso, logo a começar: «Aqui onde o mar se acaba e a terra principia»; o virar ao contrário o verso de Camões: *Onde a terra acaba e o mar começa*. Em Camões, o movimento é da terra para o mar; no livro de Saramago temos Ricardo Reis a regressar a Portugal por mar. É

substituído o movimento épico da partida. Mais uma vez, a história na escrita de Saramago. E as relações entre a vida e a morte. Ricardo Reis chega a Lisboa em finais de Dezembro e Fernando Pessoa morreu a 30 de Novembro. Ricardo Reis visita-o ao cemitério. Um tempo complexo. O fascismo consolida-se em Portugal.

José Saramago  
A Jangada de Pedra

**A Jangada de Pedra** (Romance) Caminho, 1986, e Círculo de Leitores

O real e o fantástico. E sempre a via-

gem, um tema eleito de Saramago. Houve quem lhe chama-se o «livro da nossa utopia». Uma acção que se alarga por toda a Pe-

nínsula Ibérica. A odisseia. O cão, guia da jornada, «anjo da guarda» do viajantes; e dois cavalos. As velhas tradições. A decifração de códigos e de mitos. A identidade. O mundo e a sua «comédia de enganos». As máscaras.

As interrogativas: Que futuro, que tempo, que destino? «Desde que a viagem começou, Joana Carda e Maria Guavaira choram». A Península Ibérica a flutuar pelo Atlântico, numa busca metafórica.

Segundo Luís de Sousa Rebelo, «os objectos e as personagens surgem neste romance com uma evidência carismática, prenunciadora de perturbantes sucessos. Os gestos e os actos *dramatis personae*, que abrem a narrativa, têm, ou parecem assumir, na sua espontaneidade, um carácter ritual e talmatúrgico do qual não se apercebem aqueles que os realizam.»

«A Europa já não é a medida de todas as coisas para o mundo lusitana», escreve também Luís de Sousa Rebelo. E nós somos apenas uma «jangada».

José Saramago  
A Segunda Vida de Francisco de Assis

**A Segunda Vida de Francisco de Assis** (Teatro) Editorial Caminho, 1987

«Grande sala. Ambiente ge-

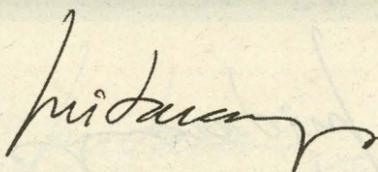
ral discreto e severo. Mesa comprida, cadeirões, cofre, telex, vários telefones, um terminal de computador. (...) Está reunido um conselho.» Assim se entra no mundo da «política», segundo José Saramago. *A Segunda Vida de Francisco de Assis* é mais uma incursão no drama, desta vez à

volta de um tema bem actual: o capitalismo, a qualidade, as chefias, a política, as eleições, a bolsa, as valorizações e desvalorizações dos produtos e das pessoas. E uma luta entre a razão e a força.

Estamos em 1986, já há computadores, mas muita coisa mudou. «As coisas já não são o que eram», diz a certa altura uma das personagens. «Houve muitas mudanças e nem todas estão à vista. Algumas nunca saem daquele cofre. São as que convém manter em segredo.»

E Francisco? Também mudou, claro. Nesta segunda vida, aprendeu algumas lições e aparece a lutar contra a pobreza.

«É a pobreza que deve ser eliminada do mundo», diz. Mais uma vez Saramago usa a ironia para fazer as suas críticas. «A pobreza não é santa. Tantos séculos para compreender isto. Pobre Francisco.»



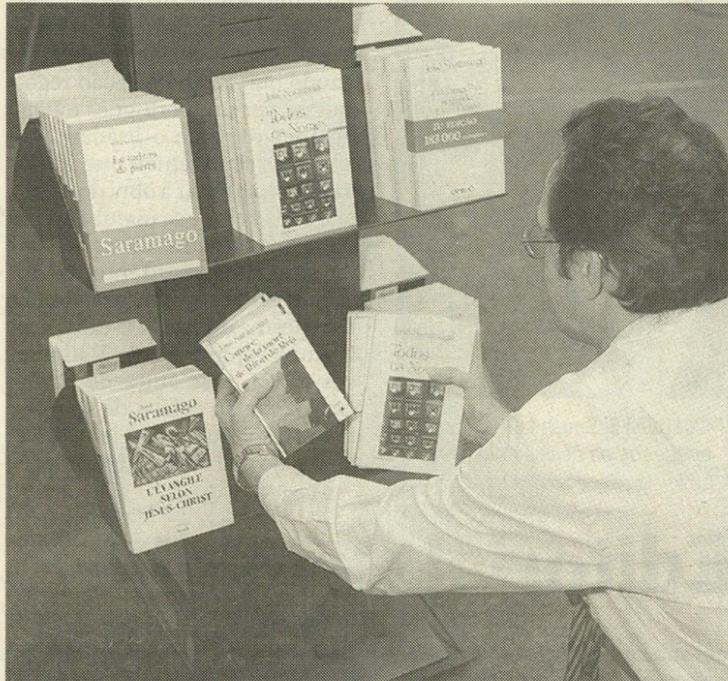
# O escritor está nas montras mas as obras esgotaram

MARIA JOÃO CAETANO

«Ah foi? O Saramago ganhou o Nobel?», José Pereira, dedo esticado na direcção do pequeno cartaz com uma fotografia do escritor, entrou na Livraria Barata, em Lisboa, apenas para ver as novidades mas nunca imaginou que houvesse uma novidade tão importante. «Passei o dia na rua, ainda nem vi a televisão.» E depois de tantos anos de especulação sobre o Nobel português, desta vez achou que não valia a pena ter muita esperança. Não estava preparado, da mesma forma que não se preparam as livrarias nem mesmo a Editorial Caminho.

«Temos estado a fazer o que podemos para atender todas as pessoas», explica Carlos Rosa, da Livraria Barata. Para já, têm duas prateleiras com Saramago. Uma verdadeira exposição dos livros e uma montra dedicada ao escritor estão nos planos da Barata, mas isso só será possível quando a editora fornecer os livros. Apanhada desprevenida, a Caminho recebeu encomendas de todas as livrarias e espera satisfazê-las já hoje.

Até lá, reina a improvisação. Montras tímidas como as das livrarias Bertrand e Diário de Notícias. «Mas logo que tivermos os livros vamos expô-los, já tenho ali reservado o espaço nobre», garante Isabel Almeida. Montras com alguma imaginação, como a da Livraria Allaud & Lello Limitada, que em falta de material promocional aproveitou um recorte de



PROMOÇÃO. As livrarias dão mais destaque à obra de Saramago

journal. Tudo para chamar a atenção para o Nobel. O pior é que depois descobre-se que alguns dos títulos estão esgotados.

Na Fnac, no Centro Comercial Colombo, os espaços estão a ser conquistados para José Saramago. Primeiro algumas prateleiras, depois um expositor maior, mais central, que talvez já esteja pronto hoje. Na Livraria Bulhosa, o Prémio Nobel partilha uma mesa com Jorge de Sena, Lobo Antunes e Vergílio Ferreira. «Agora o Saramago leva os outros, não é?», afir-

ma Jaime Bulhosa. «Aproveitamos para chamar a atenção para outros autores portugueses.»

E enquanto na Livraria Portugal a montra continuava a ser de Eusébio, na Arco-Íris Mário Reis esperava o material promocional para homenagear o escritor. «Não para vender mais, mas porque ele merece», diz. O material está quase a chegar. A partir de agora, a cinta vermelha que acompanha *O Memorial do Convento* não fará apenas referência à 25.ª edição e aos 281 mil exemplares vendidos.

## OPINIÃO

### Romancista por vocação



ÓSCAR LOPES

José Saramago tornou-se romancista por vocação e pela pressão duma vida difícil de tradutor, agente editorial e autor de contos e páginas de protesto e reacção contra a coisificação de seres humanos. O primeiro livro que lhe deu nome foi um romance.

*Levantados do Chão* (1980), que é um estudo de três gerações de alentejanos, do início do século a 1975, é extremamente variado em estilo e inteiramente dominado por uma ironia que revê as situações mais trágicas como se fosse um ser desprendido – um insecto, uma ave de rapina, etc.

Logo em 1982 (tinha já 60 anos) publica o seu livro decisivo, *Memorial do Convento*, que traça do século XVIII uma visão extraordinária: os seus protagonistas são gente comum, o fantástico mistura-se com a realidade inquisitorial e oprimida, para lhe dar uma esperança possível – a esperança da fantasia barroca, nesse mundo de autos-de-fé e prisões arbitrárias. Mais tarde, com *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago utiliza o mais intelectual e ressequido dos heterónimos de Pessoa para nos levantar um problema de que nem todos espontaneamente se apercebem: o problema da realidade dos seres de

pura imaginação – no contexto de um facto histórico –, a revolução dos marinheiros contra o apoio de Salazar à revolução fascista espanhola. Daí por diante a sua obra de ficção em prosa resulta sempre de cruzamentos entre o real e o fantasista, deixando-nos num estado de palpitação e incerteza acerca do mundo em que vivemos. Assim, *A Jangada de Pedra* oscila entre o quotidiano da vida na Península Ibérica e, numa imaginária viagem da própria realidade da Península, esta deslocar-se pelo Atlântico fora, despreendida das suas amarras naturais nos Pirenéus – numa espécie de traslação dos povos peninsulares para os seus actuais representantes.

*O Evangelho segundo Jesus Cristo* é uma sátira contra a versão corrente do cristianismo quando se torna a religião dos poderosos e o *Ensaio sobre a Cegueira*, e *Todos os Nomes* servem-se analogamente da realidade e duma sua transfiguração transparente. Não esqueçamos de ver em Saramago um notável dramaturgo de três peças (de que sublinho *In nomine dei*) e um autor de impressões de viagem de larga popularidade.

A atribuição do Prémio Nobel a Saramago é, em suma, um acto notável de galardoar um escritor, que, literalmente, se fez escritor pelo seu próprio esforço e talento e uma literatura de sete séculos, tão injustamente preterida que ele superiormente representa nos nossos dias.

Historiador de Língua Portuguesa

# Seis meses de grandes paixões na direcção do DN

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

José Saramago foi director adjunto do DN entre 9 de Abril e 25 de Novembro de 1975. Não me lembro da sua entrada na Redacção. A época era de exaltação e de grandes paixões. Duas correntes dividiam então profundamente a sociedade portuguesa: uns pugnavam pela revolução ou «Processo Revolucionário em Curso,

PREC», na designação que a história consagrou); outros lutavam pela «defesa das liberdades e da democracia». À época, aqui no DN, a maioria pendia claramente para o lado do PREC. Opção abraçada por José Saramago e de que foi destacado protagonista. Os editoriais por si assinados, sob a designação genérica de «Apontamentos» estão reunidos em livro – *Os Apontamentos, Cadernos Sea-*

*ra Nova*, 1976 – e constituem auxiliar precioso para melhor se compreender aquela época conturbada. José Saramago não tinha então a auréola de escritor. Por junto, contava dois livros de poesia e seis de prosa.

Do cidadão trazia a virulência da luta contra a ditadura e a contundência dos textos dispersos em jornais.

Vi-o expulsar da Redacção ti-

pógrafos, seus camaradas de partido, que tentavam fazer «comícios» e debater assuntos mais quentes do dia com alguns jornalistas. Recordo o «plenário da expulsão dos 24», onde interveio e votou a decisão fatal. Lembro-me da figura de um director austero e rigoroso, mas implacável na defesa do PREC. Divergências internas com *compagnons de route* vividas aqui no DN, são hoje claro in-

dício da insegurança do Partido Comunista e das dificuldades que então sentia em dirigir o rumo dos acontecimentos.

No dia 25 de Novembro, por volta das 22 horas, as campanhas dos telexes anunciaram a suspensão do DN e a demissão da direcção do jornal. José Saramago foi ao gabinete buscar as suas coisas e, cinco minutos depois, saiu. Não mais o voltei a ver no DN.

José Saramago

### A História do Cerco de Lisboa

Caminho, 1989

Há muito que Raimundo Silva não entrava no castelo. Decidiu-se a ir lá. O autor conta a história de um narrador que conta uma história, entre o real e o imaginário, o passado e o presente, o sim e o não.

Num velho prédio do bairro do Castelo, a luta entre o campeão angélico e o campeão demoníaco. Raimundo Silva quer ver a cidade.

Os telhados. O Arco Triunfal da Rua Augusta, as ruínas do Carmo. Sobe à muralha do lado de São Vicente. Olha o Campo de Santa Clara. Ali assentou arraiais D. Afonso Henriques e os seus

soldados. Raimundo Silva «sabe por que se recusaram os cruzados a auxiliar os portugueses a cercar e a tomar a cidade, e vai voltar para casa para escrever a «História do Cerco de Lisboa».

Uma obra em que um revisor lisboeta introduz a palavra «não» num texto do século XII sobre a conquista de Lisboa aos mouros pelos cruzados.

José Saramago

### O Evangelho segundo Jesus Cristo

### O Evangelho Segundo Jesus Cristo

Caminho e Círculo dos Leitores, 1991

É a obra mais polémica de José Saramago e aquela que, indirectamente, o levou a sair de Portugal e a refugiar-se na ilha espanhola de Lan-

zarote. Ficou para a história o desentendimento com o então subsecretário de estado da Cultura Sousa Lara, que considerou o livro ofensivo para a tradição católica portuguesa e o retirou da lista do Prémio Europeu da Literatura.

Com um José destroçado por ter fugido e deixado as crianças de Belém nas mãos dos assassinos de Herodes; e com uma Maria dobrada e descrita, logo no início do livro, em pleno acto de conhecer homem; com um Jesus temeroso, um Judas generoso, uma Madalena voluptuosa, um Deus vingativo e um Diabo simpático, não era de esperar outra reacção das almas mais sensíveis e mais devotas do catolicismo português. E verdadeiramente viperinas são as várias páginas onde o escritor português se entretém a descrever minuciosamente os nomes e a forma como morreram os mártires dos primeiros séculos do

cristianismo. Assim se escreveram os heréticos Evangelhos segundo Saramago, para irritação de muitos e prazer de alguns. Como convém.

José Saramago

### In Nominis Dei

(Teatro) Editorial Caminho, 1993

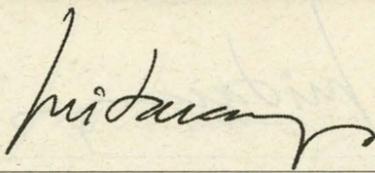
«Entre o homem, com a sua razão, e os animais,

com o seu instinto, quem, afinal, estará mais bem dotado para o governo da vida?» Não faz sentido? «Se os cães tivessem inventado um Deus, brigariam por diferenças de opinião quanto ao nome a dar-lhe, Perdigueiro fosse, ou Lobo-d'Alsácia? E no caso de estarem de acordo quanto ao apelati-

vo, andariam, gerações após gerações, a morder-se mutuamente por causa da forma das orelhas ou do tufado do seu canino Deus?»

Estas considerações podiam ser tomadas como ofensivas, mas José Saramago trata de se defender: «Não é culpa minha nem do meu discreto ateísmo se em Münster, no século XVI, como em tantos outros tempos e lugares, católicos e protestantes andaram a trucidar-se uns aos outros em nome de Deus – *In Nominis Dei* – para virem a alcançar, na eternidade, o mesmo Paraíso.»

«Os acontecimentos descritos nesta peça representam, tão só, um trágico capítulo da longa e, pelos vistos, irremediável história da intolerância humana», explica o autor. «Que o leiam assim, e assim o entendam, crentes e não crentes, e farão, talvez, um favor a si próprios. Os animais, claro está, não precisam.»



## Vaticano não perdoa blasfémia do ateu

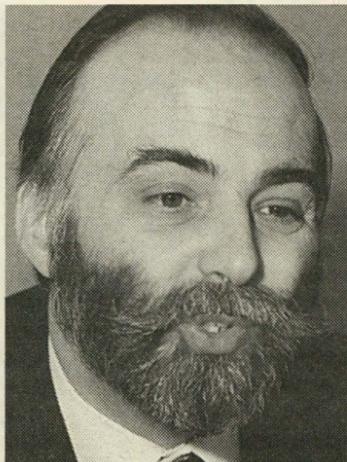
LEONÍDIO PAULO FERREIRA

Seis anos depois da polémica sobre *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o Vaticano continua sem perdoar a Saramago a sua tripla condição de comunista, ateu e blasfemo. Na edição de ontem, o *Osservatore Romano* lamentava a atribuição do Nobel a um «comunista inveterado», um escritor que tem uma «visão substancialmente anti-religiosa» do mundo.

Nada de espantar, se pensarmos nos aplausos da Igreja, em 1992, à rejeição pelo Governo da nomeação da obra para o Prémio Europeu de Literatura. «Um livro blasfemo, espezinizador da verdade histórica e difamador das

maiores personagens do Novo Testamento, como Nossa Senhora, São José e os Apóstolos, além de Cristo, o principal visado», declarou o arcebispo de Braga.

Sousa Lara, subsecretário de Estado da Cultura, foi o homem que originou a polémica, ao recusar-se a encargar a nomeação d'*O Evangelho* para o prémio, alegando ser uma obra que «ataca princípios que têm que ver com o património religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os portugueses desunia-os naquilo que é o seu património espiritual». Muitos portugueses não se reviram, porém, nessas palavras, e tanto a oposição como personalidades literárias da envergadura de Mou-



COERENTE. Sousa Lara não se arrepende da decisão de 1992

rão-Ferreira ou Cardoso Pires manifestaram repulsa pelo «espírito inquisitorial» de Lara.

Sousa Lara reagiu ontem à notícia da vitória de Saramago afirmando que «como cidadão regozijo-me por um português e Portugal ter recebido o Prémio Nobel». Mas acrescentou que continua a não apreciar a obra do escritor e que «se hoje se mantivessem as mesmas circunstâncias, designadamente o regulamento do prémio e a obra em causa, tomaria a mesma decisão». O exílio em Espanha foi a resposta à atitude «censória», mas antes de partir Saramago não deixou de se referir a Lara: «Não lhe desejo mal. Só lhe desejo que tenha juízo.»

## Orgulho e alegria da Editorial Caminho

MARIA JOÃO ROCHA

Na Beira

José Élio Sucena, presidente da Editorial Caminho, era um homem feliz. Integra a comitiva oficial do primeiro-ministro de visita a Moçambique. E a aposta na escrita de José Saramago vem de longe, quando o escritor não era ainda a figura mediática que é hoje, mas ter entre os seus exclusivos o Prémio Nobel da Literatura era o escalão máximo para o re-

conhecimento de um qualquer editor.

Em declarações ao DN, José Sucena manifestou «grande alegria e orgulho pessoal, enquanto amigo de José Saramago e administrador da Caminho. E sei que este orgulho é extensivo a todos os trabalhadores daquela casa, porque Saramago entra lá como se entrasse na casa dele».

Conseguir fazer parte dos nomeados para o Nobel e receber o maior galardão da literatura inter-

nacional exige muito trabalho preparatório, também muita dedicação por parte do editor, mas José Sucena prefere agradecer «a todos os que permitiram tornar isso possível, e em particular ao trabalho intenso da mulher de Saramago, Pilar del Rio», que desde há três anos tem desenvolvido grande actividade na promoção do escritor em Espanha, no Brasil e em mais países de língua portuguesa e espanhola.

«Um grande abraço ao Sara-

mago» foram as palavras do editor, que ainda não tinha conseguido falar com o amigo devido às dificuldades de comunicação entre a cidade da Beira, em Moçambique, e a Feira de Frankfurt, na Alemanha.

Aliás, um problema que preocupava José Sucena desde as cinco da madrugada. «Como saber a tempo o resultado da atribuição do Nobel da Literatura?» Afinal, as boas notícias também correm depressa.

### NÚMEROS

#### OS DEZ MAIS EM PORTUGAL

- 1. Memorial do Convento:** 281 mil exemplares, 18 edições
- 2. O Evangelho segundo Jesus Cristo:** 181 mil exemplares, 21 edições
- 3. A Jangada de Pedra:** 91 500 exemplares, sete edições
- 4. O Ano da Morte de Ricardo Reis ex aequo com Viagem a Portugal:** 70 mil exemplares cada, 11 edições e seis edições
- 5. Ensaio sobre a Cegueira:** 68 500 exemplares, duas edições
- 6. História do Cerco de Lisboa:** 59 mil exemplares, três edições
- 7. Levantado do Chão:** 48 mil exemplares, 11 edições
- 8. Todos os Nomes:** 40 mil exemplares, uma edição
- 9. Cadernos de Lanzarote I:** 30 mil exemplares, uma edição
- 10. In Nomine Dei:** 17 mil exemplares, três edições

#### OS MAIS TRADUZIDOS

- Levantado do Chão:** Alemanha, Brasil, Bulgária, Checoslováquia, Colômbia, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria, Israel, Itália, Japão, México, Noruega, Países Baixos, Polónia, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia
- Memorial do Convento:** Alemanha, Argentina, Brasil, Bulgária, Checoslováquia, China, Colômbia, Dinamarca, Espanha, EUA, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Israel, Itália, Japão, México, Noruega, Polónia, Roménia, Rússia, Suécia, Turquia
- O Ano da Morte de Ricardo Reis:** Alemanha, Brasil, Dinamarca, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria, Itália, Israel
- A Jangada de Pedra:** Alemanha, Brasil, Dinamarca, Espanha, EUA, França, Finlândia, Grã-Bretanha, Hungria, Israel, Itália, Noruega, Roménia
- História do Cerco de Lisboa:** Alemanha, Argentina, Brasil, Colômbia, Espanha, Itália, França, México, Grã-Bretanha
- O Evangelho segundo Jesus Cristo:** Alemanha, Brasil, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Grã-Bretanha, Israel, Itália, Noruega, Países Baixos, Polónia, Suécia.

### CRÓNICA

## O lugar do prémio é um milhão de dólares



ALBANO MATOS

Há duas notícias na comarca das letras. A boa é que o Comité Nobel, como disse Óscar Lopes, «descobriu finalmente a literatura portuguesa, que já existe há sete séculos». Com este prémio, talvez

o mundo (quer dizer: os agentes literários, os editores, os jornalistas culturais e, depois e acima de tudo, os leitores) comece a descobrir os criadores desta pequena, velha e cada vez mais periférica nação. Talvez esse mundo desate então a ler-lhes os livros e a decifrar-lhes os sinais, a comover-se com as suas histórias e a reconhecer-se nas suas personagens.

O autor de *Levantado do Chão* merece o prémio? Que importa, se o lugar do Nobel «é um milhão de dólares», como disse um dia Saramago? Merece-o o autor des-

se grande romance coral sobre o heróico e eternamente martirizado povo alentejano como o mereciam muitos outros grandes escritores que os sábios do Comité sempre ignoraram e que oxalá agora os seus herdeiros leiam: o Almada de *Nome de Guerra*, o Nuno Bragança de *A Noite e o Riso*, o Torga dos *Diários*, a Maria Velho da Costa da *Maina Mendes* e o Cardoso Pires de *O Delfim*. Mas mereciam-no sobretudo os poetas: Alexandre O'Neill e Herberto Helder, Sophia de Mello Breyner e Jorge de Sena.

Afinal, um prémio que esqueceu Borges e Joyce vale o quê? Mais dois volumes dos insuportáveis *Cadernos de Lanzarote*? Prefiro aguardar pelo próximo livro de Antonio Tabucchi, o italiano que um dia descobriu Pessoa numa estação de caminhos de ferro e fez de Portugal e da língua portuguesa também a sua pátria.

E a má notícia? A má é que o maior escritor português vivo, José Cardoso Pires, já não poderá escrever o romance por que tanto esperávamos. Nós é que ficamos muito mais pobres.

### OS LIVROS



**«Cadernos de Lanzarote - I»** (Diário) Caminho, 1994

«Este livro, que vida havendo e saúde não faltando terá continuação, é um diário». Em 1994, retirado de Portugal após o tema de Lara no episódio da candidatura ao Prémio Europeu de Literatura, Saramago editava o primeiro dos seus polémicos *Cadernos de Lanzarote*.

Uma amostra: «7 de Agosto: Parabéns de Jorge Amado e Zélia pelos prémios. Que outros virão, ainda maiores, acrescentam, aludindo ao que consta ter sido dito por Torrente Ballester – que um destes dias me chega aí um telefonema de Estocolmo... Se esta gente acredita realmente no que diz,

por que tenho eu tanta dificuldade em acreditar?» Entre palavras, lança ideias sobre o livro no qual trabalhava, em simultâneo: *Ensaio Sobre a Cegueira*.



**Ensaio Sobre a Cegueira** (Caminho, 1995)

Um homem fica cego, inexplicavelmente, quando se encontra no seu carro no meio do trânsito. A cegueira alastra como «um rastilho de pólvora». Uma cegueira colectiva. Romance contundente. Saramago a ver mais longe. Personagens sem nome. Um mundo com as contradições da espécie humana. Não se situa em nenhum tempo específico.

co. É um tempo que pode ser ontem, hoje ou amanhã. As ideias a virem ao de cima, sempre na escrita de Saramago.

A alegoria. O poder da palavra a abrir os olhos, face ao risco de uma situação terminal generalizada.

A arte da escrita ao serviço da preocupação cívica.



**Cadernos de Lanzarote - II** (Diário) Caminho, 1995

Um ano depois, o autor prossegue o desafio. Dia após dia, Saramago não esconde pormenor. Participações em colóquios, em Aveiro, Viseu, Faro e Coimbra. Sempre a literatura, al-

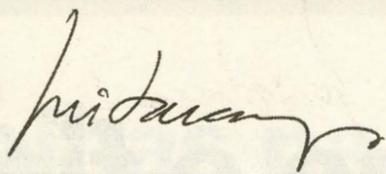
gumas vezes até, de mãos dadas com a política. A 8 de Junho regista uma noite, em Viseu, de vez as eleições ao Parlamento Europeu.



**Cadernos de Lanzarote-III** (Diário) Caminho, 1996

«5 de Outubro»  
«A comunicação social portuguesa, em particular imprensa e rádio, comportou-se uma vez mais com acendrado patriotismo, apregoando aos quatro ventos as qualidades que exornam aqueles a que chama, num rasgo verdadeiramente criativo, “nomeados” ou “candidatos” ao Prémio Nobel de Literatura. Está visto que até hoje nenhum escritor português con-

seguiu embolsar o famoso cheque e pendurar o colorido e dourado diploma na parede do seu escritório, a culpa tem-na a Academia Sueca, e duplamente a tem porquen nem mostra conhecer a literatura que se fez e faz no nosso jardim à beira-mar plantado. (...) Desatentos, desagracedidos, os suecos vão dando o prémio a quem muito bem entendem, após lerem, ao longo de cada ano, atentamente, os jornais do país que já tinham na ideia contemplar. No ano passado (...) os académicos de Estocolmo não fizeram outra coisa (...) que ler jornais japoneses. De tudo isto há que retirar uma conclusão: escritores, temo-los (sem dúvida magníficos), literatura, temo-la (obviamente estúpida), a nossa pouca sorte é não ter ainda a comunicação social portuguesa encontrado a maneira de se fazer ouvir em Estocolmo.»



# A Azinhaga à procura da sua biblioteca

LUÍS NAVES

São 14 volumes de José Saramago, apenas parte da obra. Foram oferecidos pelo próprio e estão no edifício da Santa Casa da Misericórdia da Azinhaga do Ribatejo, à espera que o Atlético Clube ganhe uma sede. Nesse dia, quando ficar vago o espaço que servirá para a literatura, a terra onde nasceu o escritor vai ganhar uma biblioteca.

Joaquim Jesus Cunha, tesoureiro da Junta de Freguesia eleito pelo PS, diz que teve «a honra» de condecorar pessoalmente José Saramago com a medalha comemorativa da Câmara Municipal da Golegã, mas acrescenta que não se lembra se isso aconteceu em 95 ou 96. É pena, porque sabríamos a data em que o escritor ofereceu os 14 livros.

Joaquim Cunha nunca leu uma obra de Saramago, mas é com evidente orgulho que mostra a pilha de livros amarelos que servem de núcleo da futura biblioteca. «Ainda não foi possível fazê-la», confessa o autarca, que tenciona concluir um museu de agricultura no andar de baixo. Segundo diz, terá de ser a própria Junta de Freguesia a financiar a iniciativa, adiada por falta de instalações. Sobre Saramago, da cerimónia da medalha, o tesoureiro lembra outro pormenor: «Pedi-lhe que escrevesse um livro sobre a nossa terra. Ele riu-se, disse que era natural que viesse a escrever.»

Nesta aldeia do Ribatejo, por causa da política, a memória do escritor não é uma poderosa imagem digna do Nobel. Alguém me conta, «mas não ponha isso aí», que num comício antigo realizado na terra, nos anos de 74, Saramago terá afirmado que era preciso sair da Azinhaga para sair da estupidez e da ignorância. A história tem tudo para ser apócrifa, até porque muitos a ouviram, verdadeira, mas por outras bocas.

Avelino Oliveira Nunes, pintor que faz retratos a partir de fotografias, talvez seja um destes filhos da Azinhaga que podia ter saído. Pinta retratos que envia a personalidades famosas da televisão, mas ninguém lhe responde. E lembra Saramago, porque este, ainda adolescente, gostava da sua



PILHA DE LIVROS. Joaquim Cunha mostra os livros de Saramago oferecidos pelo próprio escritor

irmã, que tinha onze anos mais do que ele, um abismo nestas idades. A rapariga chamava-se Violante. O nome que o escritor deu à própria filha, lembra Avelino Nunes. Outra recordação, o pai do pintor comprava leitões ao pai do escritor.

Política, amores impossíveis, a gratidão numa pilha de livros. A Azinhaga tem coisas assim, na tarde que desmaia, à beira-rio. Em frente à Junta de Freguesia, vê-se a cicatriz de uma chaminé que não deita fumo desde os anos

50. Ao lado, as paredes da fábrica que fechou nos anos 80, a SIC, Sociedade Industrial de Concentrados. Resta a agricultura e as casas baixas, brancas e ocre, amarelas como as capas dos 14 livros. Os momentos parados junto ao café, o largo com banquinhos que o rio inunda quase todos os anos, e onde pára Manuel Oliveira Léguas, sentado na sua cadeira de rodas.

Manuel Léguas, de 60 anos, deveria ter saído da Azinhaga, não por causa da fama, mas por causa

da perna. A sua mãe, grávida, sofreu uma pancada na barriga e, por isso, ele nasceu com um defeito no joelho. A sua mãe – que podia ser personagem de Saramago – ia todos os dias até à Golegã, a pé. São 14 quilómetros, o trabalho pagava as despesas médicas. O homem conta a história. Talvez, se tivesse então sido tratado por especialistas, a dor agora seria menor. Quem sabe?

O seu amigo, Manuel dos Santos André, 69 anos, está sentado em frente, num dos bancos de jardim que o rio Alviela submerge quase todos os anos. «As pessoas fogem para as casas altas», explica, descrevendo as inundações regulares. Os dois idosos olham para mim, o forasteiro que veio por causa do escritor. Contam que ele, Saramago, saiu novo, vem de vez em quando, mas só de visita. A terra, essa, tem um rancho folclórico, a banda de música, é o que de mais há a assinalar. Livros, vinha a Gulbenkian, mas já não vem.

A Azinhaga é uma terra pequena, à beira-rio, com uma Farmácia Moderna, uma Rua José Saramago e nenhuma biblioteca.

## Censura impele escritor para Lanzarote

Saramago escolheu as Canárias para viver, umas ilhas que estão longe de tudo e, aí, optou por Lanzarote, um espaço ermo e desértico, onde por vezes chegam os ventos quentes e asfixiantes do Sara. Terá sido a sua mulher Pilar, ex-jornalista, que o aconselhou a mudar-se em 1993 para o local, dado que esta tem uma irmã que vive ali. Contudo, o escritor tem afirmado publicamen-

te que a decisão de abandonar Portugal foi sua, referindo que isso se ficou a dever a um acto censório, a nível governamental, feito ao seu livro *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Apesar de as pessoas mais ilustres estarem satisfeitas com a sua presença, a maior parte da população desconhece a sua importância enquanto autor.

Fernando Barciela

**Todos os Nomes** (Romance) Caminho, 1997

A história de um funcionário de uma conservatória

do registo civil que alimenta uma estranha obsessão pela recolha de dados de uma figura que descobre entre certificados e certidões. Uma interessante reflexão sobre a identidade e, de certa forma, uma história de amor nunca concretizado exhibe o lado retratista da escrita de Saramago. Os ambientes deprimentes da conservatória, as relações hierárquicas entre funcionários, a monotonia de uma rotina de papéis e cidadãos anónimos são o ponto de partida para uma história de ela quase policial. A figura que a personagem

principal procura é a de uma mulher comum, que nasceu e morreu em Lisboa. As certidões estão na sua posse... Mas o desejo de saber mais leva o estranho funcionário, antes inerte e pacato, a quebrar regras.

*Todos os Nomes* foi apresentado na edição do ano passado da Feira de Frankfurt, com considerável sucesso.

**Cadernos de Lanzarote - IV** (Diário) Caminho, 1997

Na noite de São João, ao saltar a fogueira, Saramago notou «uma certa diferença na agilidade» e interrogou-se: «Porque seria?» A resposta surge

cem páginas mais à frente, a 31 de Dezembro: «Creio ter descoberto esta manhã o que a velhice é realmente.»

**O Conto da Ilha Desconhecida** (Conto) Assírio & Alvim, 1998

Mares e marinheiros. De caravelas. Um conto de Saramago inscrito nos Cadernos do Pavilhão de Portugal da Expo'98. Desenhos de Pedro Cabrita Reis.

Assim: «(...) Desde que a viagem à ilha desconhecida começou que não se vê o homem do leme comer, deve ser porque está a sonhar, apenas a sonhar, e se no sonho lhe apetecesse um pedaço

de pão ou uma maçã, seria um puro invento, nada mais (...).

Na área dos contos, Saramago é autor ainda de *Objecto Quase* (1978) e *Poética dos Cinco Sentidos - O Ouvido* (1979). «Pela hora do meio-dia, com a maré, A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.»

**Cadernos de Lanzarote - V** (Diário) Caminho, 1997

Há um ano, o Nobel foi para Dario Fo. A 9 de Outubro de

1997, José Saramago descreveu, em 14 linhas, como soube da notícia. «Foi muito simples. Encontrávamo-nos na cozinha, Pilar e eu, sós, quando a rádio informou

DIXIT

«Este jornal não é vascófilo. Este jornal não é vascófobo (...) Aqui estamos interessados em ver um pouco mais longe que a ponta do nariz (...).»

DN, Apontamentos, 23.08.75

«(...) este jornal, que sem ambiguidades nem hesitações se pôs ao lado das classes trabalhadoras, não foge à sua responsabilidade. Por isso mesmo vem, por sua vez, responsabilizar perante o Povo todos aqueles, militares e civis, que nos últimos tempos agitaram a ameaça da guerra civil, contra os interesses dos trabalhadores, que sempre rejeitaram esse caminho.»

DN, Apontamentos (não publicado), 25.11.75

«Ora, o êxito, o fracasso!... são coisas que têm a ver com temperamento. Reajo a elas, ao êxito e à falta dele, como reajo ao sol e à chuva. Aceito aquilo que vem, não me ponho a clamar porque queria sol e afinal choveu, nem a lastimar-me porque queria chuva e o sol vem secar-me a horta. O êxito e o não êxito são coisas que dependem de muitas outras coisas em que não tenho acção.»

Jornal de Letras, 18.01.83

«Os meus livros nascem todos assim. Não procuro os temas: fico tranquilamente – a palavra não é exagerada – à espera daquilo que venha... Provavelmente, é isto que explica que eu não escreva romances que sejam variações dos anteriores.»

Público, 25.06.94

«Aos meus inimigos eu diria que há muitos motivos de indignação para que eles se entretendam a indignar-se sem ter de indignar-se comigo. Li há bem pouco tempo *O Conde de Abranhos* e disse para mim mesmo: é o meu país, em 1995.»

Expresso, 28.10.95

«Sou um homem perplexo, que se interroga. Sempre vivi com tranquilidade. Nunca tendi a dramatizar, nem sequer nas situações difíceis.»

DN, 28.10.95

«Nem sempre na aplicação das ideias comunistas as circunstâncias foram humanas.»

DN, 28.10.95

que o Prémio Nobel tinha sido atribuído a Dario Fo.»

Nas suas palavras, nota-se que havia alguma expectativa. Afinal era um candidato... «Olhámo-nos tranquilamente (sim, tranquilamente, jurá-lo-ia se fosse necessário) e eu disse: "Pronto. Podemos voltar ao nosso sossego."»

Aliás, o escritor confessa ainda: «Falámos depois sobre o que naquele momento sentíamos e ambos estivemos de acordo: alívio.»

Sobre Dario Fo, nem um comentário. No dia seguinte iria para a Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha. A mesma cidade onde, ontem, soube que este ano o Nobel era seu.

Textos de Maria Augusta Silva  
Maria Teresa Horta  
Maria João Caetano  
João Miguel Tavares  
Nuno Galopim

COMPANHIA DA SAÚDE  
**CASA DE REPOUSO EM LISBOA**  
**MÉDICO AO DOMICÍLIO 24 HORAS**  
 382 69 60 • FAX: 382 69 69



## OS DIAS DE AMANHÃ

VICTOR CUNHA REGO

### O dinheiro das obras

A carta de Sousa Franco a Garcia dos Santos poderá ter motivos pessoais e subjectivos e traduzir processos ínvios insuportáveis para o Governo, mas nem por isso deixa de ser, objectivamente, uma pedrada na corrupção que o primeiro-ministro tanto promete punir sem resultados que se vejam. Esta é também a prova de que as palavras de Pedro Ferraz da Costa, tão aplaudidas pelo PS oposicionista, em Janeiro de 95, estavam certas.

O presidente da CIP já nessa altura disse como seria possível acabar com o tipo de corrupção que Garcia dos Santos agora denuncia: se os cadernos de encargos e os licenciamentos das obras fossem rigorosos e a respeitar escrupulosamente acabariam as «indemnizações» e os aumentos dos custos das empreitadas, que não só oneram o contribuinte, mas também servem para os partidos e os candidatos «fortes» não se preocuparem com os meios, literalmente, que os ajudam a conseguir os fins. E - é claro - servem para fazer a fortuna dos intermediários.

Ninguém muda as regras deste jogo enlameado. Nem sequer a Procuradoria-Geral da República arranja processo de obrigar à mudança.

Quem conhece as campanhas eleitorais sabe onde vem o grosso do dinheiro. Aqui, na Espanha, na Bélgica, na França, no Brasil. Em muito lado. E porquê? Porque disputar uma eleição é hoje um absurdo em termos de despesa.

Tal como nas obras, a questão seria a de mudar os «cadernos de encargos» e os «licenciamentos» dessas campanhas. Quem as pagasse não poderia ter negócios com a administração pública.

Victor Cunha Rego assina esta coluna de segunda a sexta-feira

## O DN num minuto

### NOBEL

**Literatura.** «Prémio Nobel da Literatura 1998 para José Saramago.» Foi assim que a Lusa deu a notícia, às 12 e 3. Sete minutos depois outro telegrama: «O escritor português José Saramago foi hoje galardoado com o Prémio Nobel da Literatura 1998, anunciou a Real Academia Sueca em Estocolmo.» Páginas 4 a 11

### NACIONAL

**Crise.** A garantia solene chegou por comunicado: João Cravinho reiterou ontem que não se demite. «Ao contrário do que tem sido afirmado, a participação do ministro do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território no Governo não depende, nem nunca dependeu, da presença do senhor ministro das Finanças», Sousa Franco. Página 12

### INTERNACIONAL

**Angola.** O Governo angolano está convicto de que «Jonas Savimbi não reorganizou e reequipou as suas forças militares para aceitar a paz, que, no seu entender, tal como faz questão de assinalar publicamente, representa uma capitulação», afirma o Presidente José Eduardo dos Santos em resposta às preocupações manifestadas pelo secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan. Página 21

### SOCIEDADE

**Vacas loucas.** «Semeada a desconfiança, como recuperar a credibilidade perante o consumidor?», pergunta um criador alentejano. Sobre o relatório da Comissão Europeia face à situação da BSE em Portugal, ministro, representantes de veterinários e produtores de gado estão de acordo: embargo espanhol é hipócrita e relatório exagerado. Entretanto, o consumo desce. Página 24

### EDUCAÇÃO

**Crianças.** De hoje até domingo, 165 especialistas de todo o mundo participam, no Teatro da Trindade, na Conferência sobre Museus da Criança. Margarida Lencastre, sua impulsionalora, está «feliz, feliz, feliz». Página 28

### CIÊNCIA E TECNOLOGIA

**«Biosteel».** Investigadores canadianos estão a tentar criar um tecido extremamente leve, biodegradável e suficientemente resistente para deter uma bala, fabricado com uma combinação de leite de cabra e proteínas sintetizadas de aranha. Chamado biosteel [da combinação de biológico mais aço, steel em inglês], o material, segundo os seus inventores, pode tornar-se uma alternativa ecológica aos plásticos ultra-resistentes usados para acondicionar champôs. Página 29

### REGIONAL

**Poluição.** Pedro Santana Lopes não escondia o desânimo perante todo aquele vasto areal poluído. Página 30

### DESPORTO

**Benfica.** A direcção não sentirá problemas para aprovar o seu relatório. Os números negativos são «pormenores» ao lado das vitórias. Página 35

### NEGÓCIOS

**Parlamento.** Ministro Jorge Coelho teme que a «coligação negativa» possa estender-se ao Orçamento. Página 39

### ARTES & MULTIMEDIA

**Estreia.** Em *O Encantador de Cavalos*, que estreia hoje, o realizador Robert Redford dirige o actor Robert Redford pela primeira vez. Página 46

### NET

**Acesso.** «Minitel» alargado. Página 5

### ÍNDICE

IMPRESSOES	2 e 3	REGIONAL	30 a 31
NOBEL	4 a 11	DESPORTO	35 a 36
NACIONAL	12 a 19	NEGÓCIOS	38 a 40
INTERNACIONAL	20 e 21	ARTES & MULTIMEDIA	46 a 47
OPINIAO	22 e 23	UTILIDADES	53 a 54
SOCIEDADE	24 a 27	PESSOAS	55 a 56
EDUCAÇÃO	28	NET	57 a 58
CIENCIA E TECNOLOGIA	29	TV	60 a 61

SEXTA-FEIRA, 9 OUTUBRO 1998

### TEST-DRIVE PREMIADO DN/MICRA



Caixa Automática NCVT Sensação de Comodidade

### TV & RÁDIO

**TVI.** A Media Capital, liderada por Miguel Paes do Amaral, desferiu ontem mais um golpe jurídico na luta pelo controlo da TVI. Página 60

### LOTARIA

1 - 39 656 - 5 000 contos  
 2 - 83 599 - 1 500 contos  
 3 - 06 157 - 1 000 contos  
 Série sorteada: primeira.

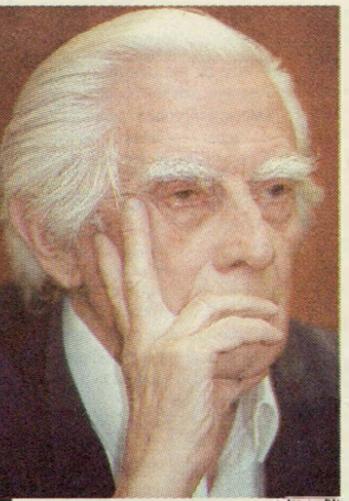
## A fechar

PRÉMIO NOBEL

# A alegria dos comunistas portugueses

Uma obra que liga a imaginação e o sonho à realidade e sua interpretação, diz Álvaro Cunhal

■ Álvaro Cunhal, amigo e camarada de José Saramago, escreveu, a pedido do *Diário de Notícias*, um depoimento sobre o novo Prémio Nobel da Literatura:



FELICIDADE. Cunhal amigo, solidário e feliz com Saramago

«Ao contrário das primeiras informações de reportagem relativas à apreciação do sentido da obra de José Saramago pela Academia Sueca ao atribuir-lhe o Prémio Nobel ("captação de uma realidade ilusória"), a tradução oficial da Academia em língua portuguesa expressa "que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia, torna constantemente compreensível uma realidade fugidia".

De facto, em Saramago, a ficção, a fantasia, a imaginação e o sonho estão profundamente ligados à realidade e à sua interpretação.

Na história, no *Memorial do Convento* e na *História do Cerco de Lisboa*.

Na nossa actualidade, nomeadamente da Revolução de Abril e da reforma agrária, em *Levantado do Chão*.

Na criação artística, sua interpretação e relações do artista com a sua obra, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

No real da inquietação, angústia e incertezas do futuro que provoca o mundo actual, com uma advertência da crueldade dos seus horrores, em o *Ensaio sobre a*

*Cegueira*.

De um olhar sobre a natureza humana, suas contradições, suas forças e suas fraquezas, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*.

Uma obra escrita num estilo moderno, criativo e novo que revela a assimilação da riqueza da língua portuguesa nos clássicos da nossa literatura.

Motivo de alegria para todos os portugueses pelo reconhecimento universal do escritor e da literatura portuguesa, de alegria para os comunistas portugueses por se tratar de um seu camarada.

Alegria já por mim compartilhada saudando pessoalmente José Saramago em conversa telefónica.»



# Break!

O seu desejo ganha forma na Sucursal Citroën Sacavém.

(abertos aos sábados até às 17.00h)

NOVO CITROËN Xsara BREAK instinto protector

NÃO IMAGINA TUDO O QUE A CITROËN PODE FAZER POR SI.

## SUCURSAL CITROËN PORTELA DE SACAVÉM

Av. Vasco da Gama, 20, Portela de Sacavém, 2685 PORTELA-LRS  
 Tels. Directos: Stand Vendas (01) 941 09 32 / 941 26 54; Oficina (01) 941 09 28; Peças (01) 942 41 66; Geral (01) 941 02 23 / 941 06 63 - Fax 941 07 07  
 (Estacionamento assegurado para os visitantes)

Stand de vendas ^ Depart. Frota Empresas ^ Peças de Origem ^ Oficina Serviço Expresso